



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

3º Trimestre de 2017



Fortaleza – Ceará
Dezembro de 2017

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Sobreira de Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

Antônio Sérgio Montenegro Cavalcante – Secretário adjunto

Júlio Cavalcante Neto – Secretário executivo

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretor de Estudos Sociais – DISOC

João Mário de França

Diretor de Estudos Gestão Pública – DIGEP

Cláudio André Gondim Nogueira

IPECE Conjuntura – 3º Trimestre de 2017

Volume 6 – Nº 3 – Dezembro/2017

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Elaboração:

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

Colaboração:

Heitor Gabriel Silva Monteiro (Estagiário)

Lilian de Sousa Pereira (Estagiário)

Matheus dos Santos Carvalho (Estagiário)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) –
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -

Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA, 4

1.1. Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 4

1.2. Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 5

1.3. Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras, 7

2. ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE, 11

2.1. Produto Interno Bruto, 11

2.2. Agropecuária, 13

2.3. Indústria, 18

2.4. Serviços, 24

2.4.1 Pesquisa Mensal dos Serviços, 29

2.4.2 Comércio Varejista, 29

3. MERCADO DE TRABALHO, 33

3.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 33

3.2. Emprego Formal, 36

4. COMÉRCIO EXTERIOR, 40

5. FINANÇAS PÚBLICAS, 46

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 50

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia
Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O FMI manteve a projeção de crescimento da economia mundial para o ano de 2017 praticamente idêntica à estimativa do relatório anterior, saindo de 3,5% para 3,6%;
- No terceiro trimestre de 2017, o PIB do Brasil registrou crescimento de 1,4% em relação ao terceiro trimestre de 2016. No do acumulado do ano, a economia brasileira registrou um crescimento de 0,6%;
- A economia cearense apresentou crescimento de 2,79% no terceiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, sendo o segundo crescimento positivo após oito trimestres consecutivos de resultados negativos nessa análise de comparação;
- Em que pese ser o terceiro trimestre caracterizado pela ocorrência de poucas chuvas em todo o estado, as expectativas para 2017 do setor agropecuário indicam crescimento, quando comparado ao ano de 2016;
- A indústria de transformação cearense voltou a registrar resultado positivo para seu indicador de produção no terceiro trimestre de 2017. Após avançar 2,1% no trimestre passado, a indústria local fechou os meses de julho a setembro com um crescimento de 3,3% em comparação com o mesmo período de 2016;
- Nos serviços, o terceiro trimestre de 2017 revela que a retração no setor não foi disseminada entre os seus quatro principais segmentos na medida em que o ramo de Serviços Prestados as Famílias apresentou a segunda alta consecutiva ao registrar 11,6% de crescimento no terceiro trimestre de 2016 e 3,9% no terceiro trimestre de 2017. Como é um segmento que é composto pelos Serviços de Alojamento e Alimentação seu desempenho positivo tem refletido o choque favorável da safra agrícola ao longo de 2017;
- No que tange ao comércio varejista, neste terceiro trimestre de 2017 o varejo comum cearense registrou variação positiva de 0,8%, revelando recuperação das vendas após a baixa registrada no segundo trimestre de 2017. Por sua vez, o varejo ampliado cearense registrou forte recuperação no terceiro trimestre com uma alta de 5,4%, embora ainda inferior à registrada pelo varejo nacional, que foi de 7,5%;
- Com relação ao mercado de trabalho, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil atingiram a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, seguindo uma tendência declinante nos dois trimestres subsequentes, principalmente no estado. Neste terceiro trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11,8%, com recuo de 2,5 p.p. em relação à observada no início do ano (14,3%);
- Dados do CAGED revelam que o país registrou criação de vagas a partir do 2º trimestre de 2017, enquanto o Ceará apenas no 3º trimestre de 2017, revelando uma certa defasagem na recuperação dos empregos e confirmando o bom momento vivido pelo mercado de trabalho nos três meses que formam esse último período;
- Neste terceiro trimestre de 2017, os *produtos metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 247,2 milhões desse setor, valor que corresponde a 49,2% do total exportado pelo estado;
- Nas Finanças Públicas, um ponto a ser destacado quanto ao comportamento das receitas foi o crescimento de 1,4% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o terceiro trimestre de 2017 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verificou, embora em menor proporção (0,2%), crescimento da RCL em 2017.

1 PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA

1.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

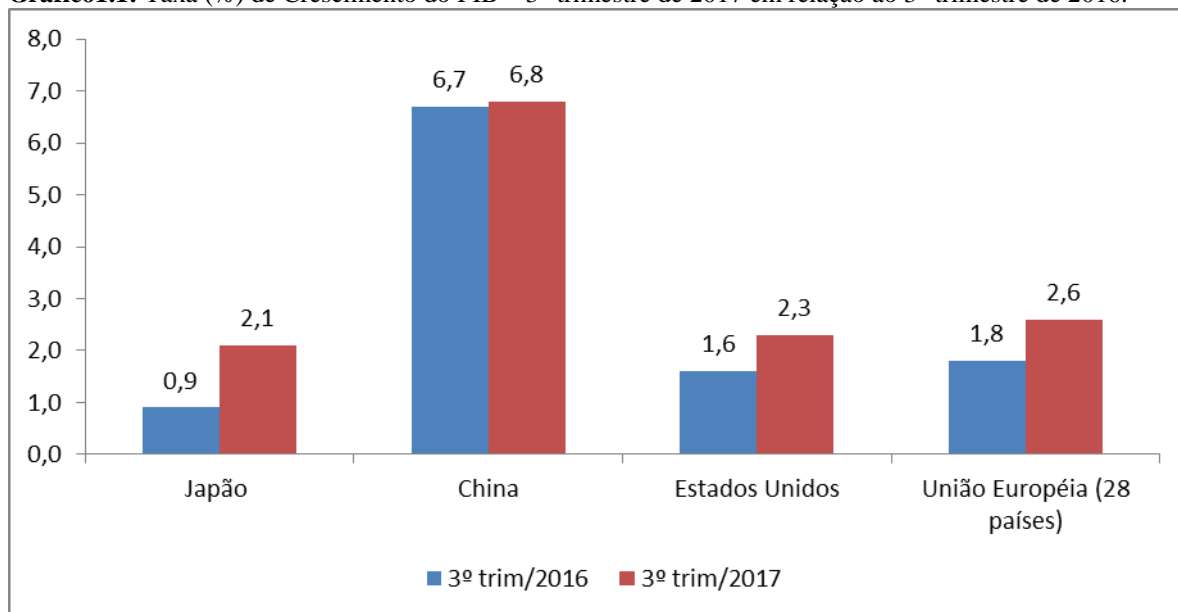
Os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), disponíveis na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2017, apresentam uma estimativa de crescimento da economia mundial para o ano de 2017 ao redor de 3,6%. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

De acordo com os dados da OCDE, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no terceiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, foi de 2,3% (Gráfico 1.1), resultado maior do que o registrado no terceiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, quando foi observado um crescimento de 1,6%. Esse bom desempenho é explicado pelos aumentos do investimento privado e do consumo das famílias, que somados aos baixos níveis de desemprego, taxa de juros (1,0%) e uma inflação esperada, para 2017, de 1,7%, leva a uma projeção de crescimento real do PIB americano, em 2017, de 2,5%.

O crescimento de 2,6% do PIB da União Européia no terceiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, mostra-se num ritmo de recuperação da recessão européia iniciada em 2011, e que está sendo explicado pelos aumentos do investimento privado, consumo das famílias e exportações. França, Espanha e Alemanha estão sendo os destaques de crescimento em 2017. Espera-se para a economia da União Européia no ano de 2017 uma baixa inflação de 0,9% e uma taxa de juros nula. Esses fatores contribuirão para um crescimento do PIB na região, em 2017, de 2,5%.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,8% no terceiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, resultado aproximadamente igual ao registrado no terceiro trimestre de 2016, que foi de 6,7%. Esse crescimento é explicado pelo investimento das empresas estatais e pelo consumo das famílias. A projeção para o PIB da China em 2017 indica um crescimento de 6,8%.

A economia japonesa apresentou no terceiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo trimestre de 2016, um crescimento de 2,1%, resultado este superior ao do mesmo período de 2016 (variação de 0,9%). O bom desempenho é explicado pelos aumentos das despesas das famílias, do investimento em capital fixo das empresas e das exportações. Espera-se para o ano de 2017 um crescimento de 1,8% no PIB da economia japonesa.

Gráfico 1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 3º trimestre de 2017 em relação ao 3º trimestre de 2016.

Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

1.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No terceiro trimestre de 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um crescimento de 1,4% em relação ao terceiro trimestre de 2016 (Tabela 1.2). No resultado do acumulado do ano, do primeiro ao terceiro trimestre de 2017, em comparação com o mesmo período do ano anterior, a economia brasileira registrou um crescimento de 0,6%. Em relação ao acumulado nos últimos quatro trimestres, registra-se uma queda de 0,2%.

Tabela 1.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Brasil - 2016 e 3º Trim. 2017 (*)

Setores e Atividades	3º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	Acumulado	Acumulado
	2016 (**)	2017 (**)	2017 (**)	2017 (**)	no ano (**)	nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-3,6	18,5	14,8	9,1	14,5	11,6
Indústria	-2,8	-1,0	-1,9	0,4	-0,9	-1,4
Extrativa Mineral	-1,1	9,6	6,0	2,4	5,9	5,4
Transformação	-3,7	-0,9	-0,9	2,4	0,3	-0,6
Construção Civil	-5,0	-6,4	-7,1	-4,7	-6,1	-6,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	6,5	4,1	-0,5	0,2	1,3	2,0
Serviços	-2,1	-1,6	-0,2	1,0	-0,2	-0,8
Comércio	-4,5	-2,5	1,0	3,8	0,8	-0,3
Transportes	-7,4	-2,1	-0,5	1,9	-0,2	-1,9
Intermediação						
Financeira	-4,0	-3,7	-1,7	0,0	-1,8	-2,4
Administração Pública (APU)	0,8	-0,7	-1,2	-0,8	-0,9	-0,8
Outros Serviços	-2,1	-1,5	0,7	1,2	0,2	-0,5
VA a preços básicos	-2,3	0,1	0,5	1,2	0,6	-0,1
PIB pm	-2,7	0,0	0,4	1,4	0,6	-0,2

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Dentre as atividades que contribuem para a geração do Valor Adicionado, a Agropecuária registrou crescimento de 9,1% em relação a igual período do ano anterior. Este resultado pode ser explicado, principalmente, pelo desempenho de alguns produtos da lavoura que possuem safra relevante no terceiro trimestre e pela produtividade, observada na estimativa de variação da quantidade produzida em relação à área plantada.

Conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE), divulgado no mês de novembro, o crescimento na estimativa de produção anual e ganho de produtividade de culturas com safras relevantes no terceiro trimestre, como milho (54,9%), algodão herbáceo (10,7%) e laranja (0,1%) suplantou o fraco desempenho de culturas como, por exemplo, cana de açúcar (-6,8%), café (-7,9%) e mandioca (-1,8%).

A Indústria registrou variação positiva de 0,4%. A Indústria de Transformação apresentou crescimento de 2,4%. O seu resultado foi influenciado, principalmente, pelo aumento da produção de alimentos; veículos automotivos; equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos; móveis e indústrias diversas; e máquinas e equipamentos. A atividade

Construção Civil apresentou redução no volume do valor adicionado (-4,7%). Já a Indústria Extrativa se expandiu em 2,4% em relação ao terceiro trimestre de 2016, beneficiada pelo crescimento da extração de minérios ferrosos. A atividade SIUP, por sua vez, registrou variação positiva de 0,2%.

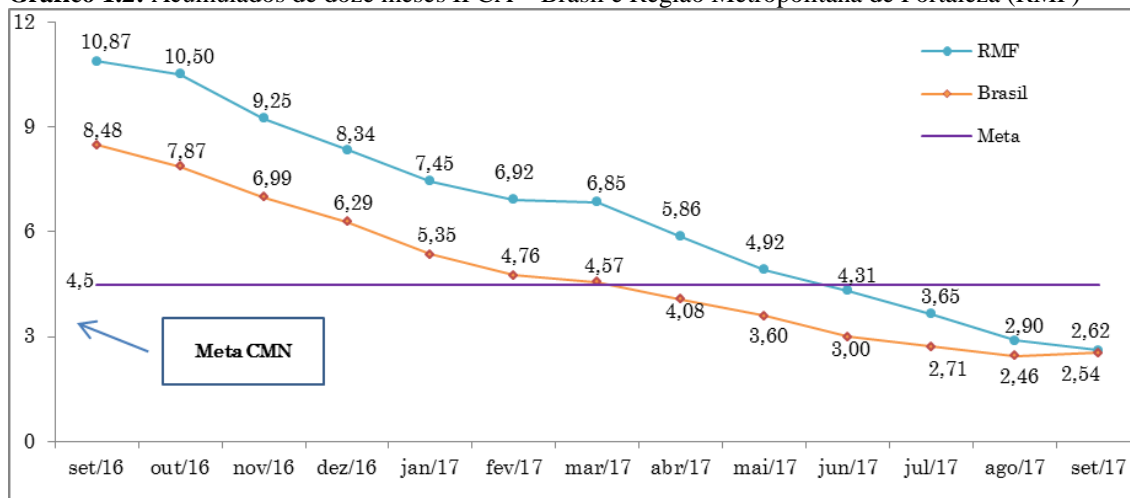
O valor adicionado de Serviços teve expansão de 1,0% na comparação com o mesmo período do ano anterior, com destaque para o crescimento de 3,8% do Comércio (atacadista e varejista), seguido por Transportes (1,9%) e Outros Serviços (1,2%). Apresentou queda a atividade Administração Pública (APU) (-0,8%). Já a atividade Intermediação Financeira registrou variação nula no terceiro trimestre.

1.3 Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras

O Gráfico 1.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos doze meses para o Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) a partir de setembro de 2016 até setembro de 2017. Como se pode observar, o acumulado dos últimos doze meses tanto do IPCA nacional como o da RMF em setembro de 2017 seguem abaixo do limite inferior do teto da meta de 4,5% estabelecido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), ao registrarem 2,54% e 2,62%, respectivamente.

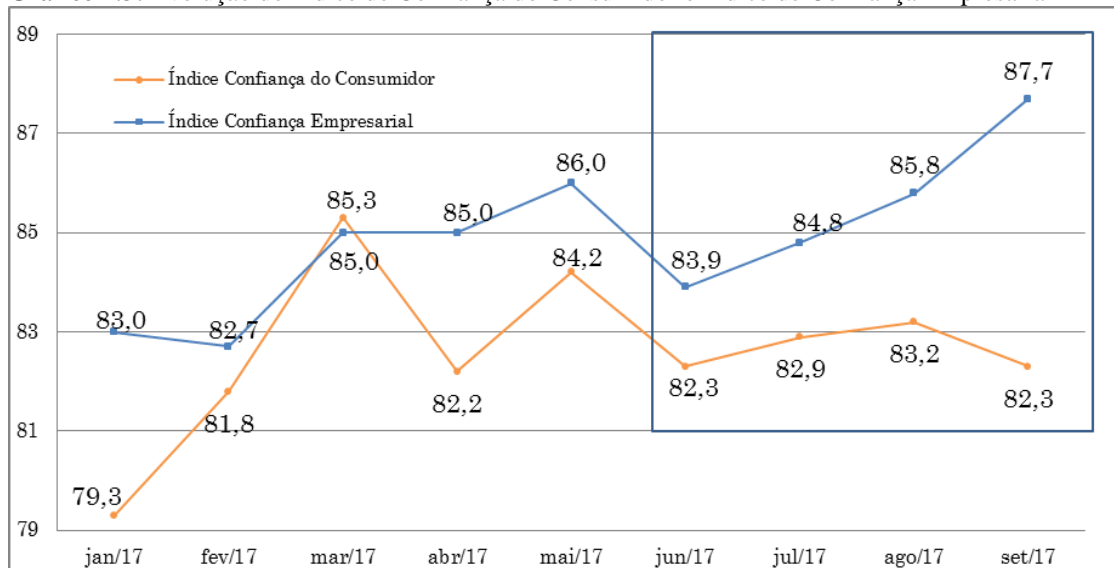
O Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central (BC) destacou no seu último comunicado (06/09/2017) que “o comportamento da inflação permanece bastante favorável, com diversas medidas de inflação subjacente em níveis baixos, inclusive os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária”.

Na nota da 209ª Reunião do Copom os membros o comitê destacam também que “nos doze meses findos em agosto de 2017, o custo da alimentação no domicílio medido pelo IPCA acumula queda de 5,2%, em contraste com aumento de 9,4% em 2016, o que representaria uma contribuição de mais de dois pontos percentuais para a desinflação ocorrida até agosto de 2017. Ponderaram que havia expectativa de recuo da inflação de alimentos em 2017, quando comparada com a de 2016. Mas concordaram que essa queda intensa dos preços de alimentos constitui uma substancial surpresa desinflacionária e responde por parcela relevante da diferença entre as projeções de inflação para 2017 e a meta de 4,5% vigente para esse ano”.

Gráfico 1.2: Acumulados de doze meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)

Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

Por sua vez, o Gráfico 1.3 apresenta a evolução do Índice de Confiança do Consumidor (ICC) e do Índice de Confiança Empresarial (ICE). Tanto o ICC como o ICE produzem sinalizações da tendência econômica podendo ser utilizados como indicadores antecedentes de atividade econômica para tomada de decisões. Em ambos, suas tendências são determinadas pelas perspectivas futuras dos agentes econômicos (consumidores e empresários, respectivamente).

Gráfico 1.3: Evolução do Índice de Confiança do Consumidor e Índice de Confiança Empresarial

Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

Neste terceiro trimestre de 2017, destaca-se quatro altas consecutivas do ICE e o mesmo nível do ICC de setembro (82,3) ao do mês de junho. De acordo com o IBRE, a alta do ICE mostra a recuperação da economia através da melhora da percepção sobre as condições do ambiente

de negócios bem como o alastramento do ganho de força da economia pelos setores. Por sua vez, embora tenha recuado levemente com relação a agosto, a melhora do ICC ao longo do terceiro trimestre revela percepção otimista sobre o mercado de trabalho e gradual afastamento do risco de crise política.

O Gráfico 1.4 apresenta o Índice de Confiança da Indústria (ICI), o Índice de Confiança de Serviços (ICS), o Índice de Confiança do Comércio (ICOM) e o Índice de Confiança da Construção (ICST) com base nas Sondagens da Indústria de Transformação, do Setor Serviços, do Comércio e da Construção, respectivamente.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da FGV, responsável pelas sondagens, estes índices permitem o aperfeiçoamento do planejamento do nível de produção e acompanhamento dos movimentos de absorção e liberação de mão-de-obra nos setores em análise além do conhecimento dos seus planos de investimento. Os índices são indicadores sínteses da situação atual dos negócios e previsões para negócios em relação ao futuro próximo (seis meses seguintes).

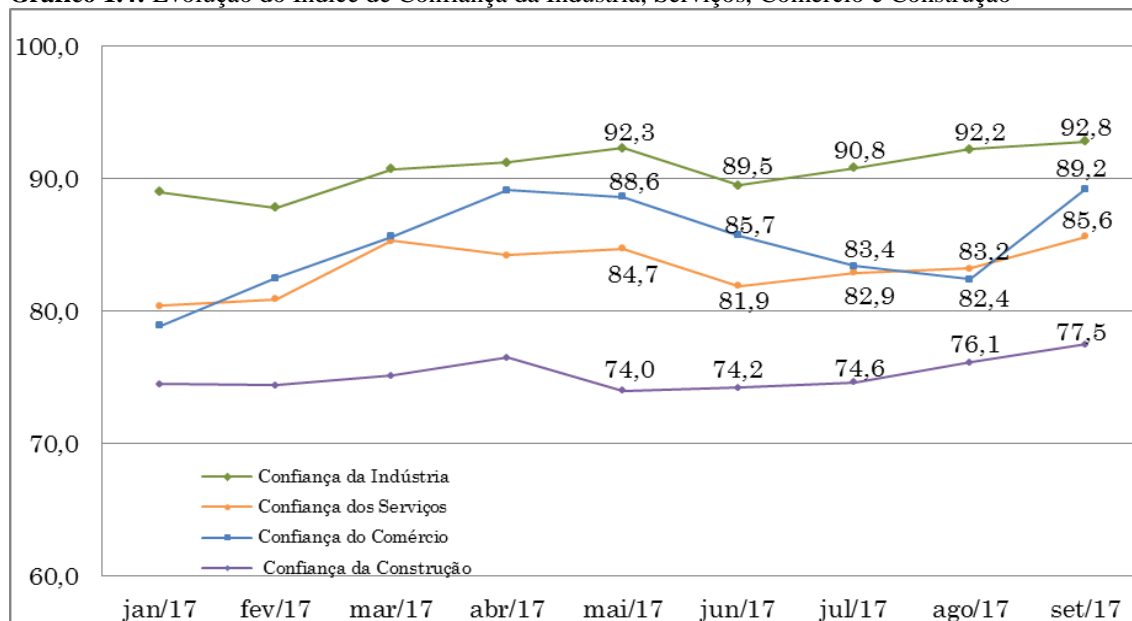
Para o Índice de Confiança da Indústria, o Gráfico 1.4 revela claro avanço do índice a partir de junho. Segundo o IBRE, “o resultado da Sondagem de setembro confirma o retorno à fase de recuperação da confiança industrial que havia sido interrompida em maio. Os sinais têm sido consistentes”.

No que concerne ao Índice de Confiança de Serviços (ICS), os resultados revelam avanço de 2,4 pontos atingindo o patamar de 85,6 pontos no mês de setembro e seguidos avanços desde junho. A avaliação do IBRE é de que a atividade real do setor ganhe impulso nos próximos meses.

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM), após quatro quedas consecutivas, avançou 6,8 pontos neste mês de setembro, atingindo a marca de 89,2 pontos, conforme os dados do Gráfico 1.4. As avaliações do IBRE revelam que a sequência das quedas nos meses anteriores foram reflexos da crise política no segundo trimestre e preocupação com a sustentação das vendas após o fim do período e liberação de recursos do FGTS.

Finalmente, o Índice de Confiança da Construção (ICST) segue sua tendência de alta atingido o patamar de 77,5 pontos, após a alta de 1,4 ponto neste mês de setembro e cinco elevações consecutivas. O IBRE destaca que o segmento de Preparação de Terreno, segmento este que antecede o início das obras.

Gráfico 1.4: Evolução do Índice de Confiança da Indústria, Serviços, Comércio e Construção



Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

2 ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE

2.1 Produto Interno Bruto

No terceiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, a economia cearense apresentou crescimento de 2,79% (Tabela 2.1), sendo o segundo crescimento positivo após oito trimestres consecutivos de resultados negativos nessa análise de comparação. Este resultado confirma o início da recuperação da economia cearense após dois anos de recessão. No resultado do acumulado no ano, observa-se um crescimento de 1,36%, enquanto que no acumulado de últimos quatro trimestres verifica-se uma queda de 0,31%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Ceará – 2016 e 3º Trim. 2017(*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-6,37	-0,43	58,65	24,38	29,68	20,80
Indústria	-11,82	-2,54	-2,64	0,38	-1,57	-3,46
Extrativa Mineral	0,64	-20,06	-21,06	-20,89	-20,67	-13,83
Transformação	-5,35	0,06	3,36	3,05	2,19	1,28
Construção Civil	-21,03	-7,59	-9,51	-1,75	-6,30	-9,58
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-5,70	5,68	1,22	1,20	2,68	0,26
Serviços	-5,51	-0,52	0,25	1,91	0,55	-0,68
Comércio	-12,20	-0,87	1,03	6,65	2,28	-0,81
Alojamento e Alimentação	-3,97	-3,15	-2,01	-0,23	-1,81	-2,05
Transportes	-3,78	-1,64	-2,00	0,20	-1,12	-1,63
Intermediação Financeira	-9,88	-1,91	-1,20	2,37	-0,23	-2,12
Administração Pública	0,16	1,28	1,65	-0,27	0,89	0,63
Outros Serviços	6,20	-1,57	-1,10	-1,82	-1,50	0,07
VA a preços básicos	-6,74	-0,89	2,27	2,89	1,45	-0,26
PIB pm	-6,64	-0,86	2,07	2,79	1,36	-0,31

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do terceiro trimestre de 2017 com o mesmo período de 2016, a Agropecuária apresentou um forte crescimento de 24,38%, sendo explicado pela quadra chuvosa de 2017 em torno da média

histórica e pela baixa base de comparação. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou um crescimento de 0,38%, enquanto que o setor de serviços apresentou um leve crescimento de 1,91%.

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Ceará – 2016 e 3º Trim. 2017(*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)
Agropecuária	8,88	12,91	24,37	-14,98
Indústria	-2,55	2,63	-1,50	0,56
Extrativa Mineral	-2,46	-11,51	-2,24	-2,46
Transformação	-1,05	1,43	2,60	-1,12
Construção Civil	-4,82	2,86	-6,07	3,13
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,23	0,86	-0,34	0,27
Serviços	-1,25	2,54	-0,26	0,34
Comércio	-2,18	4,22	-0,89	3,30
Alojamento e Alimentação	-1,38	-0,27	-0,24	0,41
Transportes	-1,63	2,83	-0,03	0,42
Intermediação Financeira	-1,90	1,78	-0,88	1,61
Administração Pública	0,19	1,06	0,50	-1,65
Outros Serviços	-0,10	0,47	-0,31	-0,85
VA a preços básicos	-1,02	2,24	1,05	-0,34
PIB pm	-1,04	2,14	1,00	-0,26

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

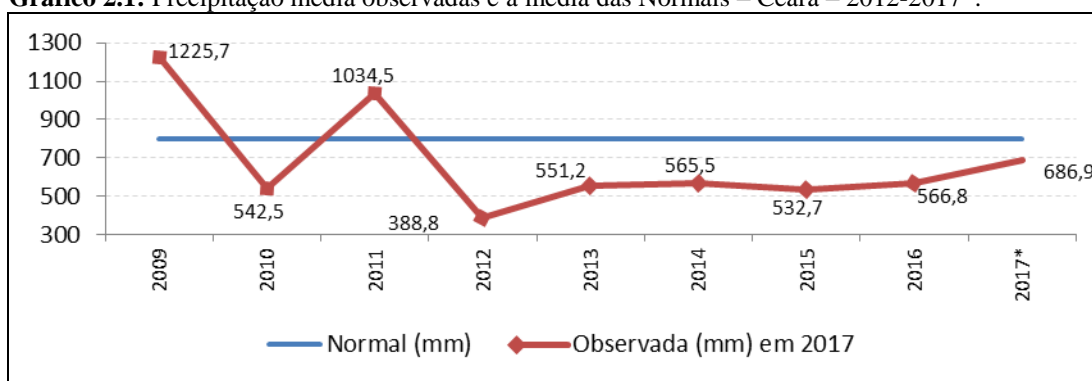
(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

A Tabela 2.2 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do terceiro trimestre de 2017, em relação ao segundo trimestre de 2017, o PIB do Ceará apresentou uma leve queda de 0,26%, sendo explicada pelo resultado negativo da Agropecuária (-14,98%), em decorrência da alta base de comparação, já que a safra anual se concentra no segundo trimestre. Os resultados positivos fortalecem a indicação de uma tendência de retomada do crescimento da economia cearense. A Indústria cresceu 0,56% e o setor de Serviços registrou uma expansão de 0,34%. Na Indústria, os destaques positivos foram os crescimentos de 3,13% na Construção Civil e de 0,27% no SIUP. Já para o setor de Serviços, os destaques foram Comércio (3,30%) e a atividade de Intermediação Financeira (1,61%).

2.2 Agropecuária

A quadra chuvosa de 2017 foi melhor do que a ocorrida em 2016, conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), porém ainda abaixo da média normal de pluviosidade do estado. O Ceará vem acumulando um histórico de 6 (seis) anos com chuvas abaixo da normal, comprometendo a capacidade de regularização plurianual dos reservatórios em algumas bacias hidrográficas cearenses, os quais estão próximos de seu limite crítico, reduzindo assim a disponibilidade de água (Gráfico 2.1).

Gráfico 2.1: Precipitação média observadas e a média das Normais – Ceará – 2012-2017*.



Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

* Para o ano de 2017, estão computadas as precipitações observadas de janeiro a setembro de 2017.

Neste contexto, a escassez de água tem se tornado um gargalo para o desenvolvimento de diversas atividades humanas, principalmente para a agricultura, pois atrelado ao problema da escassez hídrica está a irregularidade temporal e espacial da distribuição das chuvas, a deterioração da qualidade da água e a percepção inadequada de seus usuários. Assim, devido a estes problemas os agricultores estão enfrentando altos riscos de perda total ou parcial de suas lavouras, que quando acontece leva a uma situação de redução da renda agrícola.

Analisando-se a distribuição espacial das chuvas ao longo do ano de 2017, verifica-se que as maiores chuvas no 1º trimestre de 2017 ocorreram nas regiões de Litoral de Fortaleza (656,3 mm) e Litoral Norte (612,1mm), já as menores precipitações foram em Jaguaribana (367,8mm) e Sertão central e Inhamuns (332,6mm). No ao 2º trimestre de 2017, as maiores precipitações foram na região litoranea do estado (Litoral de Fortaleza, Litoral do Pecém e Litoral Norte) com chuvas acima de 340 mm, e as menores foram novamente nas regiões de Jaguaribana e Sertão central e Inhamuns, com precipitações abaixo de 180 mm. Já o 3º trimestre é caracterizado normalmente pela ocorrência de poucas chuvas em todo o estado, o que pode ser observado tanto em 2016 como em 2017. (Tabela 2.3).

Tabela 2.3: Precipitação pluviométrica das Macrorregiões do Ceará – 2016-2017

Macrorregiões	1º Trim.			2º Trim.			3º Trim.		
	Normal (mm)	2016(mm)	2017 (mm)	Normal (mm)	2016 (mm)	2017 (mm)	Normal (mm)	2016 (mm)	2017 (mm)
Cariri	521,7	477,6	463,5	262,7	90,9	198,1	19,3	4,4	13,0
Ibiapaba	476,7	428,5	526,4	337,8	164,6	212,6	15,8	1,2	23,5
Jaguaribana	380,0	303,0	367,8	328,1	126,4	176,5	26,2	1,6	61,8
Litoral de Fortaleza	480,7	397,6	656,3	501,1	299,6	377,5	49,0	2,9	68,6
Litoral de Pecem	441,8	464,5	476,8	375,5	293,9	372,3	27,7	3,9	40,6
Litoral Norte	527,7	509,7	612,1	398,9	262,6	343,7	14,3	2,2	8,1
Maciço de Baturité	423,2	372,5	531,0	440,8	229,9	326,1	51,2	2,6	87,3
Sertão Central e Inhamuns	357,1	307,4	332,6	256,6	111,7	137,1	19,6	1,3	36,2

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Vale ressaltar que embora as regiões de Jaguaribana e Sertão central e Inhamuns tenham apresentado o menor nível espacial de chuvas dentre as macrorregiões do Ceará, estas regiões apresentaram um volume de chuvas maior em 2017 do que 2016, fato que elevou a produção de grãos nestas regiões de 2016 para 2017 em 11,6%. Juntas elas responderam por cerca de 26% da produção de grãos do estado do Ceará, com o cultivo de algodão arbóreo, amendoim, arroz de sequeiro e irrigado, feijão, milho, sorgo granífero e girasol.

Esse contexto de escassez pode ser comprovado por meio do monitoramento realizado pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), o qual demonstra que dos 155 açudes existentes no estado, 107 estão com volume de água abaixo de 30% e 17 açudes estão secos, sendo que a perspectiva é de que o nível destes reservatórios diminua até o final do ano, pois as chuvas que ocorrem no quarto trimestre são de pequena intensidade ou até inexistentes. No final de setembro de 2017, os reservatórios do Ceará estavam operando com uma capacidade de 10,5% de água acumulada, contando com um volume disponível de 1.965 hm³. (Tabela 2.4).

Tabela 2.4: Capacidade (hm³), volume Atual (hm³) e de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – Setembro/2017

Regiões	Capacidade (hm ³)	Volume Atual (hm ³)	Volume (%)
Acaraú	1.718,27	369,94	21,53
Alto Jaguaribe	2.778,52	231,58	8,33
Baixo Jaguaribe	24,00	0,23	0,96
Banabuiú	2.760,36	80,56	2,92
Coreaú	308,66	202,32	65,55
Curu	1.028,21	117,86	11,46
Litoral	214,90	102,03	47,48
Médio Jaguaribe	7.386,69	273,32	3,70
Metropolitana	1.379,73	350,28	25,39
Salgado	452,31	45,24	10,00
Serra da Ibiapaba	141,00	34,00	24,11
Sertões de Crateús	448,09	2,53	0,56
Ceará	18.636,00	1.965,00	10,5

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.

Situação da Produção de Grãos

Conforme informações apresentadas pela LSPA/IBGE¹, a produção de grãos e oleaginosas no Ceará obteve um crescimento de 194,2% em relação a safra de 2016, com destaque para as culturas do milho, crescimento de 237,9% e do feijão, de 148,6%. Ressalte-se que as culturas do milho e feijão juntas respondem por 95,6% da produção total de grãos do estado do Ceará. Entre as demais culturas produtoras de grãos, estão o arroz, que cresceu 39,0% em relação ao ano de 2016, a fava (277,6%) e o algodão (125,0%). Sendo que somente a mamona apresentou uma queda de 50% em sua produção.

Em termos de quantidade produzida de grãos no estado do Ceará, a cultura do milho alcançou uma produção de 387 mil toneladas e a de feijão de 148,6 mil toneladas. Já a produção de arroz apresentou um volume bem menor de produção do que o milho e o feijão, com uma produção de 19,9 mil toneladas.

No caso da cultura do arroz, esta tem passado por um processo de redução de área plantada, tendo em vista que esta planta demanda um volume de água superior às demais culturas produtoras de grãos, o que a torna menos atrativa em um cenário de crise hídrica vivenciada pelos agricultores do nosso estado, além do fato de a mesma nem sempre apresentar um preço atrativo no mercado.

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

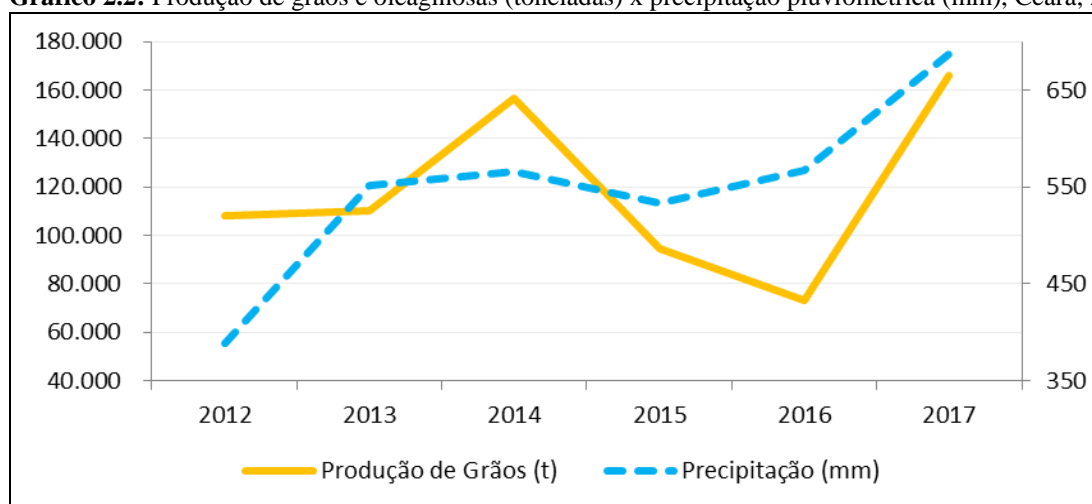
Tabela 2.5: Produção de grãos e oleaginosas (em toneladas) – Ceará – 2016-2017

Produção de Grãos	Produção (t) 2016 *	Estimativa (t) 2017*	Variação (%) 2017/2016	Participação (%) 2017
Arroz	14.373	19.983	39,03	3,6%
Feijão	56.629	140.797	148,63	25,5%
Milho	114.591	387.233	237,93	70,1%
Fava	919	3.470	277,58	0,6%
Algodão	144	324	125,00	0,1%
Mamona	838	419	-50,00	0,1%
Total	187.494	552.226	194,53	100,00

Fonte: LSPA/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) Os dados de 2016 referem-se aos valores da produção obtida e os de 2017 corresponde a estimativa da safra pela LSPA/IBGE.

Vale resaltar que a produção de grãos e oleaginosas no estado do Ceará é quase que totalmente de sequeiro, ou seja, dependente da intensidade das chuvas. Dessa forma, mesmo que se utilizem técnicas de cultivo mais compatíveis com o cenário da região semiárida, esta continua sendo susceptível às irregularidades climáticas existentes nesta região, principalmente os efeitos da seca, da ocorrência de veranicos e até mesmo pela ocorrência de chuvas torrenciais concentradas em um curto período de tempo e espaço (Gráfico 2.2).

Gráfico 2.2: Produção de grãos e oleaginosas (toneladas) x precipitação pluviométrica (mm), Ceará, 2012-2017

Fonte: LSPA/IBGE; FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Esse melhor desempenho das chuvas também gerou aumento da produção de muitas frutas, principalmente aquelas associadas ao plantio de sequeiro, a destacar castanha de caju (74,8%), abacaxi (70,6%), laranja (22%) e goiaba (14,2%). É importante ressaltar que estas lavouras também são produzidas no sistema de irrigação.

A melancia e melão vem sendo as culturas mais penalizadas neste ano em decorrência da crise hídrica do estado que forçou os produtores a reduzir as áreas de produção. Essas duas culturas

são produzidas quase na sua totalidade em áreas irrigadas. Diante disso, a estimativa é queda de 19,4% para o melão e 6,9% para a melancia.

As frutas frescas e a castanha de caju do Ceará possuem boa aceitação no mercado internacional, sendo exportadas principalmente para alguns países da Europa e Estados Unidos. Porém, em 2017 registrou forte redução no valor exportado (-56,4%), comparado ao ano de 2016, por conta, principalmente, da redução da quantidade produzida de melão. A castanha de caju também registrou queda no valor exportado (-11,4%). Vale ressaltar que a produção de castanha de caju, embora apresente estimativa de crescimento, ainda é considerada um valor abaixo da média produzida em um ano considerado bom.

Tabela 2.6: Produção obtida e estimativa de Frutas (toneladas) no Ceará - 2016-2017*

Produção de Frutas	Produção 2016 *	Estimativa 2017	Varição (%) 2017/2016
Acerola	12.728	12.439	-2,27
Banana	323.846	359.526	11,02
Goiaba	15.434	17.627	14,21
Laranja	8.474	10.338	22,00
Mamão	110.520	129.298	16,99
Manga	43.233	46.742	8,12
Maracujá	98.122	115.041	17,24
Melancia	35.469	33.032	-6,87
Melão	98.535	79.391	-19,43
Castanha de caju	30.968	54.148	74,85
Abacaxi **	429	732	70,63
Coco-da-baía **	263.527	188.587	-28,44

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Notas: (*) O valor de 2016 refere-se a produção obtida e o valor de 2017 corresponde a estimativa.

(**) Produção em mil frutos.

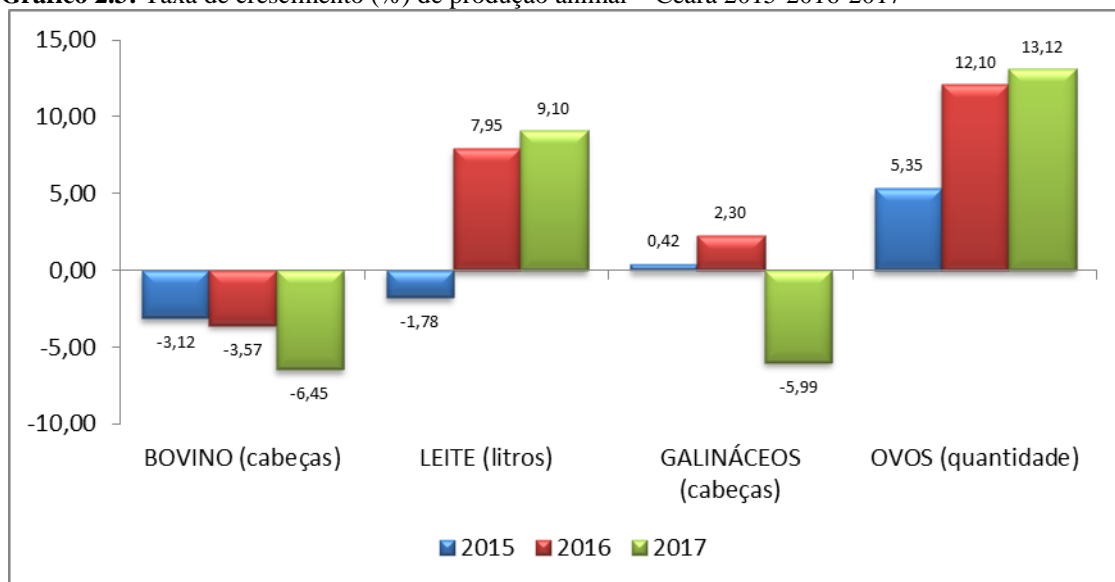
Quanto a pecuária, o Ceará vem ganhando destaque nos produtos de origem animal, com destaque para leite e ovos. Para o ano de 2017, estima-se um crescimento de 9,1% na produção de leite. Produtores consideram as precipitações registradas como suficientes para criar pasto e fazer silagem, garantindo o alimento do gado até a próxima quadra chuvosa. É importante destacar que o setor de laticínio do Ceará continua investindo, com expansão de fábricas e conseqüentemente aumento da produção, gerando maior demanda de leite.

A produção de ovos continua registrando crescimento elevado, devendo crescer 13,12% em 2017, relativamente a 2016.

Já o rebanho de animais vem indicando queda no ano de 2017, comparado ao ano de 2016. A atividade galináceos indica queda de 5,99%. Para o rebanho de bovino é estimado mais um

ano de queda, com variação negativa de 6,45% em 2017. Em 2016, a queda foi de 3,57%. Esses resultados, mostram a redução que a bovinocultura vem apresentando nos últimos anos no Ceará (Gráfico 2.3).

Gráfico 2.3: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2015-2016-2017



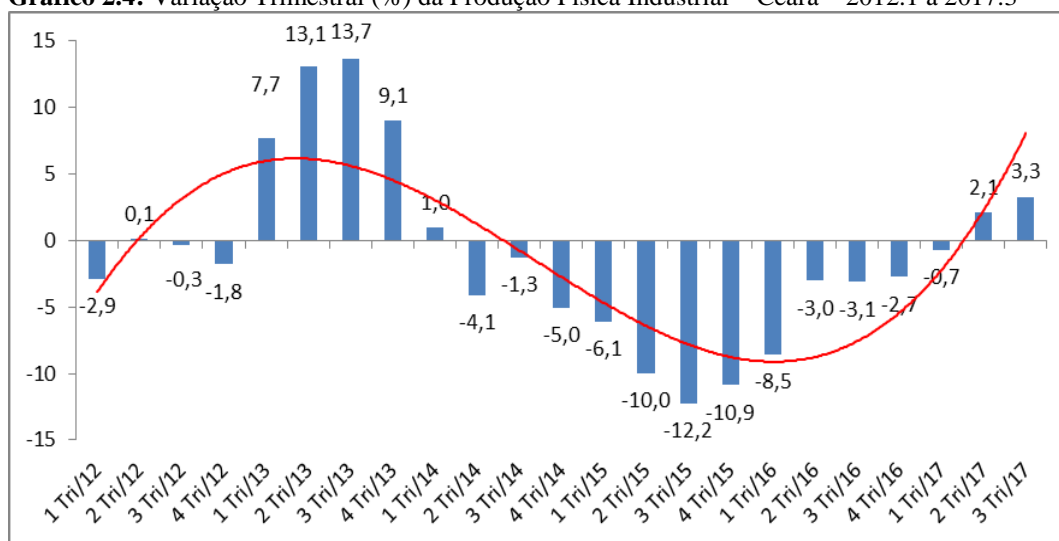
Fonte: IBGE/IPECE. Elaboração: IPECE.

2.3 Indústria

Indústria de Transformação

A indústria de transformação cearense voltou a registrar resultado positivo para seu indicador de produção no terceiro trimestre de 2017. Após avançar 2,1% no trimestre passado, a indústria local fechou os meses de julho a setembro com um crescimento de 3,3% em comparação com o mesmo período de 2016. A última vez que a manufatura cearense acumulou duas altas seguidas na produção ocorreu nos trimestres finais de 2013. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

Os resultados positivos seguidos elevam a confiança sobre um movimento de retomada mais consistente por parte da atividade após um longo período de reduções continuadas na produção. O Gráfico 2.4, a seguir, mostra um período maior para o movimento trimestral da produção física industrial cearense. Nele, fica evidente o longo período de queda experimentado pela manufatura local, bem como a trajetória de recuperação iniciada em 2016 e intensificada em 2017.

Gráfico 2.4: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2012.1 a 2017.3

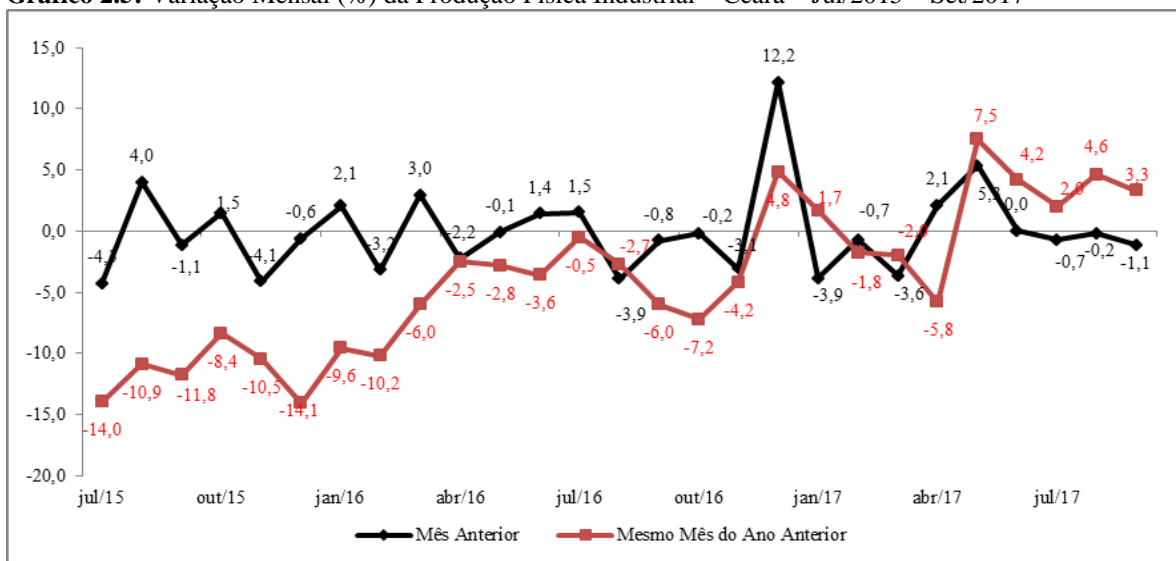
Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Apesar do cenário mais positivo, ainda é preciso cautela para avaliar os resultados obtidos. Como já destacado na edição anterior, o ciclo recessivo para indústria cearense foi longo e intenso, e tal processo pode ter comprometido parte da estrutura produtiva. Por outro lado, esse processo deve ter eliminado negócios ineficientes, preservando aqueles mais competitivos que podem contribuir para uma retomada mais consistente. Assim, a intensidade desta retomada, sua velocidade e sustentação são variáveis que continuam não totalmente claras. Os meses seguintes devem permitir uma leitura mais clara do processo que se inicia, mas os crescimentos já alcançados se constituem em um sinal promissor.

O comportamento mensal da produção também evidencia o bom momento da indústria local. Na comparação com iguais períodos do ano anterior, os meses de julho, agosto e setembro apresentaram expansões, respectivamente, de 2,0%, 4,6% e 3,3%. Com os últimos resultados, a manufatura no estado já acumula cinco meses seguidos de aumento na produção em relação a 2016. Já na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a indústria cearense voltou a registrar resultados negativos, mas em pequena intensidade, o que difere este de momentos anteriores com quedas expressivas. O gráfico 2.5 abaixo apresenta as taxas.

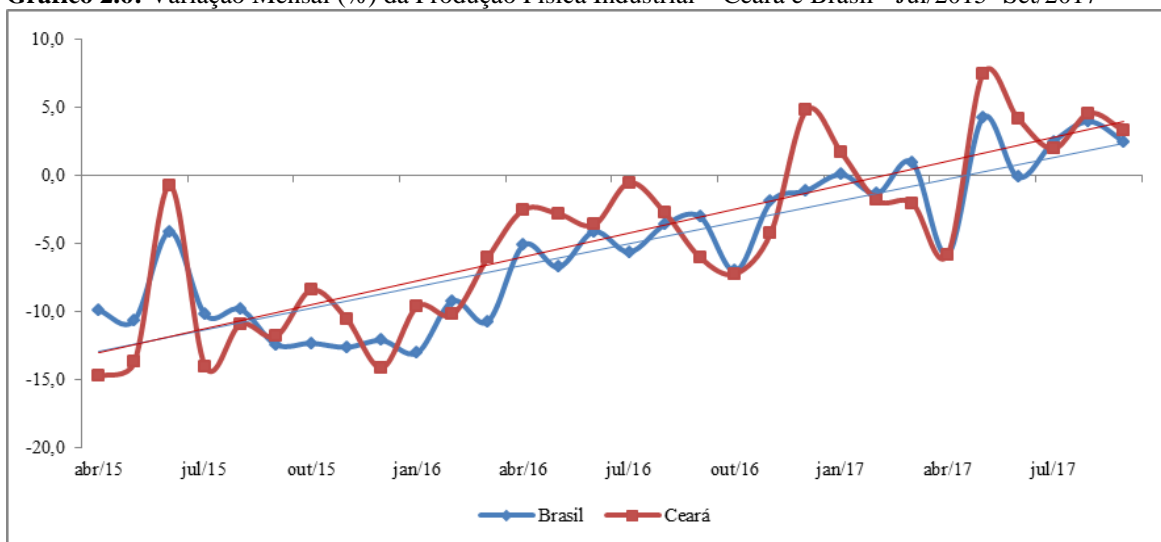
Gráfico 2.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará – Jul/2015 – Set/2017



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.6, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Destaca-se a melhora do ritmo da produção em ambos os parques, com trajetórias próximas e uma intensidade melhor para manufatura estadual em 2017. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam o melhor ritmo cearense.

Gráfico 2.6: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jul/2015- Set/2017



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

Considerando os desempenhos estaduais, o terceiro trimestre reafirma o movimento de recuperação mais difuso observado ao longo de 2017. No acumulado do ano, a maior parte das unidades da federação pesquisadas apresenta números positivos indicando uma expansão da produção industrial local.

Entre os quatorze estados que participam do levantamento, apenas quatro registraram queda entre os meses de julho e setembro de 2017 na comparação com o ano anterior. São elas, Pará (-5,0%), Bahia (-3,0%), Minas Gerais (-0,1%) e Pernambuco (-0,1%). Entre os que apresentaram expansão, destaque para os parques industriais de Paraná (5,1%), Santa Catarina (3,6%) e Amazonas (3,3%). Já a indústria cearense, diante dos resultados dos últimos meses, acumula em 2017 uma expansão de 1,6% sobre o mesmo período de 2016. Apesar do período recente de crescimento, o estado tem apenas a segunda menor taxa de expansão acumulada, superando somente o Estado do Rio Grande do Sul (0,9%). De qualquer forma, na comparação com a média nacional e do Nordeste, o desempenho estadual se mostra superior tanto ao país (0,9%), quanto ao desempenho regional (-0,6%). A Tabela 2.7 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e a região.

Tabela 2.7: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Jul-Set/2016 e 2017 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2016)			Acumulado Ano (2016)	Variação Mensal (2017)			Acumulado Ano (2017)
	Abril	Maior	Junho		Abril	Maior	Junho	
Brasil	-5,6	-3,6	-3,0	-6,7	2,5	4,0	2,5	0,9
Nordeste	-7,9	-2,9	-1,7	-3,3	3,8	2,0	-1,1	-0,6
Paraná	-0,1	-3,1	-9,1	-6,8	3,1	8,6	8,9	5,1
Santa Catarina	-5,3	1,6	1,1	-4,1	4,9	5,2	2,4	3,6
Amazonas	-4,6	-7,6	-11,7	-14,5	-0,8	6,0	7,5	3,3
Goiás	0,8	-1,1	-3,3	-2,5	0,7	2,6	7,2	2,3
Espírito Santo	-6,4	3,3	1,6	-1,5	0,4	8,8	-1,9	2,2
Mato Grosso	-2,7	-9,4	-10,4	2,5	2,7	15,4	4,5	2,1
São Paulo	-1,8	-2,9	0,0	-6,1	4,4	6,8	5,0	2,0
Rio de Janeiro	-8,0	-6,8	-4,2	-8,6	-9,9	-0,1	17,8	1,8
Ceará	-0,5	-2,7	-6,0	-4,9	2,0	4,6	3,3	1,6
Rio Grande do Sul	-12,0	0,4	-0,5	-4,6	2,0	-1,2	-5,0	0,9
Pernambuco	-2,8	-1,0	-2,7	-12,5	-5,1	0,5	-4,1	-0,1
Minas Gerais	-0,2	-2,9	2,3	-4,0	1,2	2,3	-1,5	-0,1

Bahia	-18,0	-9,6	-5,8	-3,3	7,8	4,2	4,3	-3,0
Pará	-5,2	-2,8	-10,1	-7,7	-6,8	-5,9	0,4	-5,0

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

Resultados Setoriais

No trimestre em análise, seis das onze atividades pesquisadas apresentaram crescimento na comparação com igual período do ano anterior. Neste movimento, atividades tradicionais e importantes para indústria cearense mantiveram o crescimento nas quantidades produzidas já observado nos períodos anteriores.

Dentre as atividades, destaque para os setores de Metalurgia (43,5%), Vestuário (8,4%), Alimentos (6,6%) e Têxteis (6,3%) e Couros e calçados (3,8%). Em particular, o desempenho expressivo da Metalurgia cearense, além de favorecido pela base baixa de comparação, é explicado pela atuação da Companhia Siderúrgica do Pécem (CSP), que entrou em operação ao longo de 2016, mas apenas em 2017 passou a operar em plena capacidade². A Tabela 2.8, a seguir, apresenta os números para atividades industriais.

Tabela 2.8: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2016 e 2017

Setores	Variação Trimestral (2016)				Variação Trimestral (2017)		
	I	II	III	IV	I	II	III
Indústrias de transformação	-8,5	-3,0	-3,1	-2,7	-0,7	2,1	3,3
Metalurgia	-16,6	-25,6	-18,5	17,3	47,3	79,6	43,5
Fabricação de outros produtos químicos	20,5	9,5	-13,9	-17,1	1,6	-10,1	27,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-7,9	-16,3	-15,2	-3,7	1,9	13,8	8,4
Fabricação de produtos alimentícios	-6,4	0,0	4,0	1,8	4,5	1,9	6,6
Fabricação de produtos têxteis	-14,7	-3,5	12,7	32,5	16,2	14,5	6,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-11,9	3,0	1,0	3,5	9,7	7,7	3,8
Fabricação de bebidas	-13,4	-10,9	-10,9	-22,4	-16,0	3,3	-0,7
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-0,7	3,8	-3,1	-0,3	-12,2	0,9	-3,3
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,0	-9,9	-13,7	-10,8	-13,2	-18,5	-9,3
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,1	-32,9	-48,3	-11,8	-44,0	-33,7	-16,1
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	7,8	27,3	25,9	-11,0	-32,0	-39,3	-18,4

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

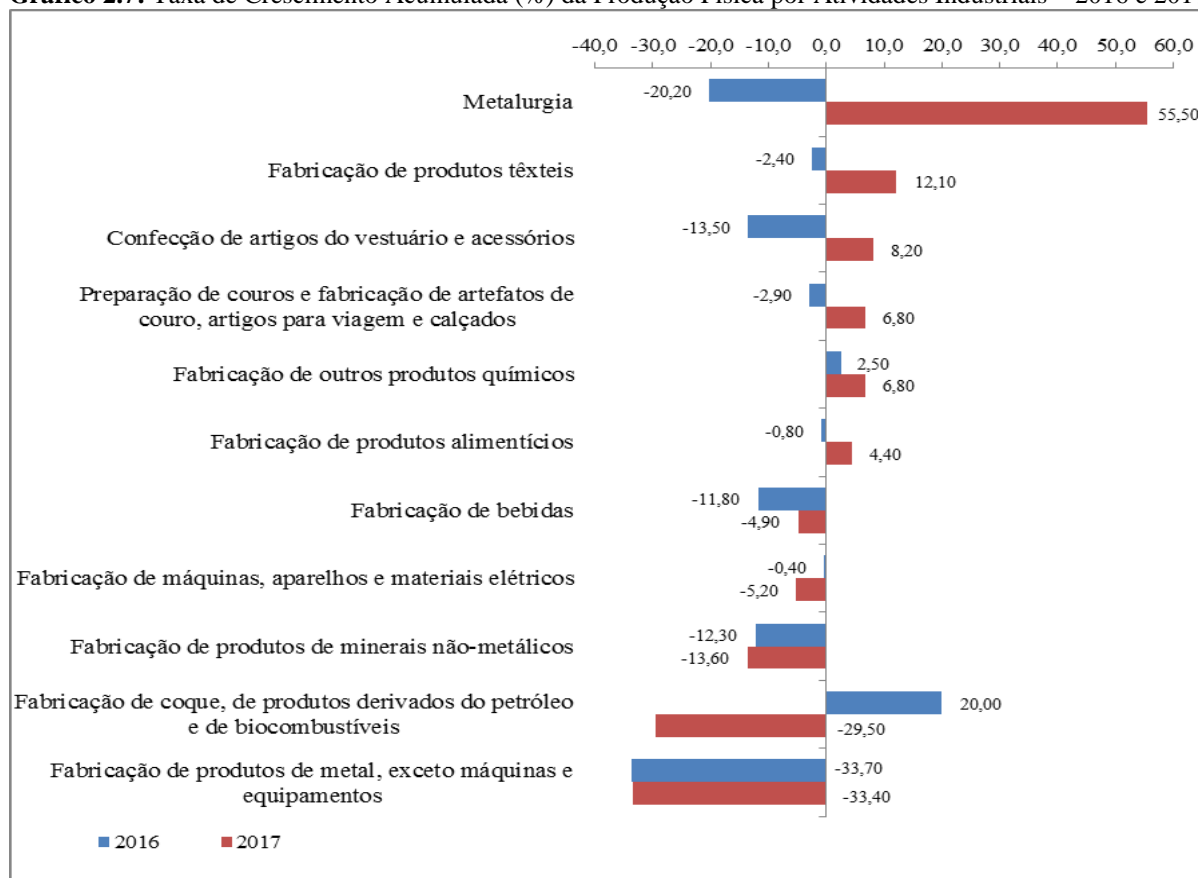
² É importante destacar que apenas recentemente, por questões metodológicas, os dados de produção da companhia passaram a ser captados pelo IBGE em sua pesquisa mensal de produção industrial, a PIM-PF.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado por 2017.III.

O início da recuperação da indústria cearense parece estar associado ao movimento de retomada das atividades tradicionais no estado. Tal movimento chega a ser, de certa forma, esperado diante de uma estrutura industrial rígida e concentrada nestas atividades. Por outro lado, um desempenho sustentado pelas atividades que possuem um maior poder de competição nacional entre os que compõem o parque local, pode se mostrar mais consistente com o passar do tempo.

Como já destacado na edição anterior, a recuperação traduz tanto um movimento cíclico e natural depois de período longo e intenso de retração, como uma melhora no ambiente econômico. Neste particular, a estabilidade cambial, a forte redução da inflação, a contínua queda da taxa de juros, e a recuperação do poder de compra das famílias, favorecem a melhora das expectativas por parte dos agentes e a recuperação da demanda agregada. O Gráfico 2.7, na sequência, compara a taxa de crescimento acumulada para 2016 e 2017.

Gráfico 2.7: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais – 2016 e 2017



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

2.4 Serviços

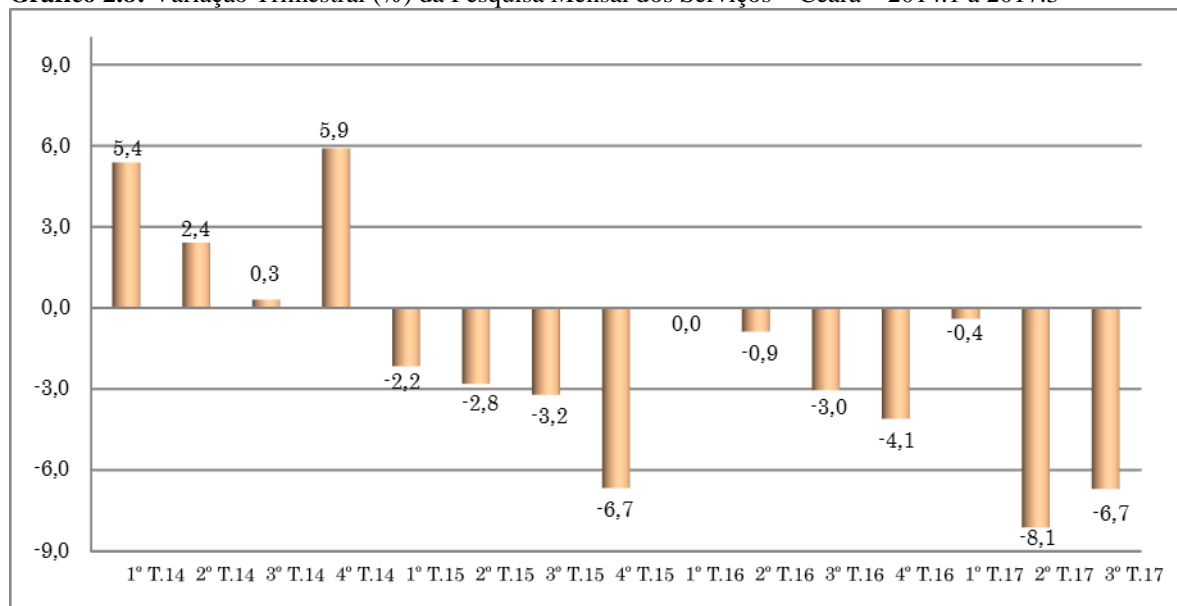
2.4.1. Pesquisa Mensal dos Serviços³

Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que o setor de serviços registrou novamente retração neste terceiro trimestre de 2017 com queda de 6,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Considerando a estagnação ocorrida no primeiro trimestre de 2016, essa queda representa a décima primeira seguida a partir de uma comparação do trimestre com relação ao mesmo trimestre do ano anterior (ver Gráfico 2.8).

O Gráfico 2.8 apresenta maiores detalhes da evolução das taxas trimestrais a partir do primeiro trimestre de 2014. Em que pese à desaceleração econômica da economia brasileira a partir do segundo trimestre de 2014, os dados da PMS para o Ceará registram que a retração do setor de serviços cearense se dá apenas a partir do primeiro trimestre de 2015.

Gráfico 2.8: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará – 2014.1 a 2017.3

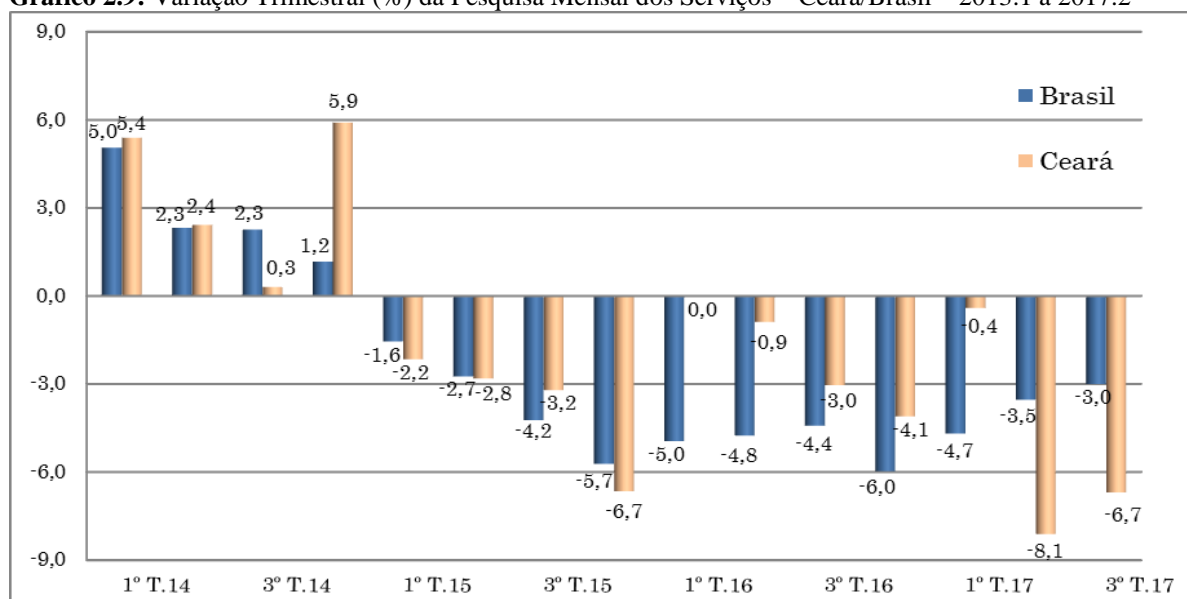


Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

³ Os indicadores de Atividade da Pesquisa Mensal dos Serviços são divididos em cinco grandes grupos, a saber: 1) serviços prestados às famílias; 2) serviços de informação e comunicação; 3) serviços profissionais, administrativos e complementares; 4) transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio; 5) outros serviços. O grupo outros serviços são formados pelas atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais. É importante frisar que esses segmentos não são iguais aos subsetores não iguais aqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

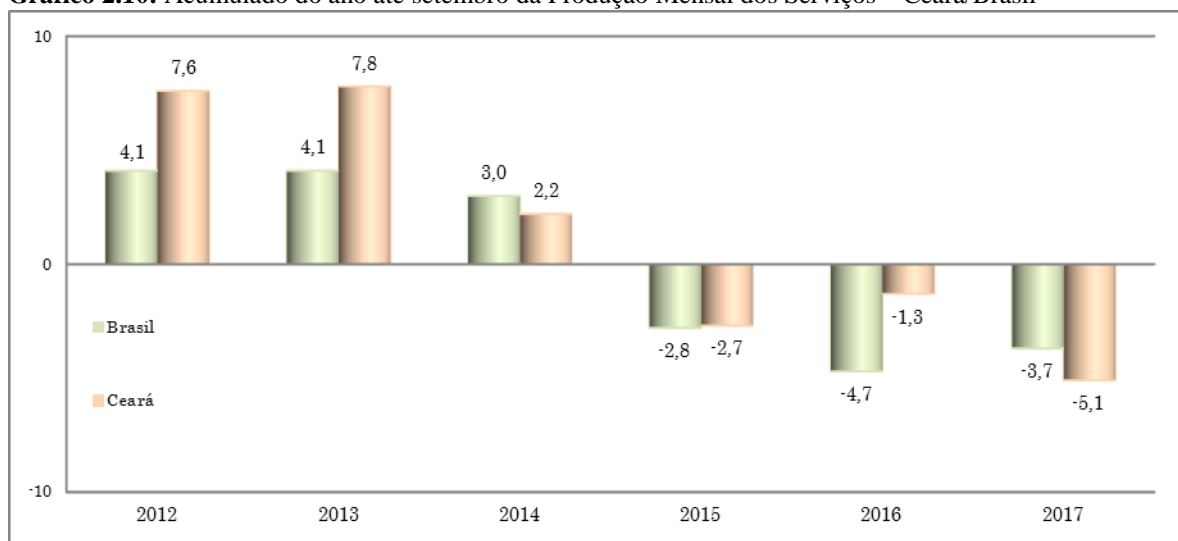
Por sua vez, o Gráfico 2.9 apresenta os mesmos resultados do gráfico anterior, com a inclusão dos dados nacional. Como se pode observar, no início da série, no ano de 2014, quando o setor como um todo ainda não sofria retração, a taxa de expansão do estado era mais intensa que a do Brasil. Por outro lado, os dois últimos trimestres de 2017 revelam que a intensidade da queda dos serviços do Ceará ocorreu de forma mais intensa que o nacional. De fato, o Ceará recuou 8,1% e 6,7% no segundo trimestre e terceiro trimestre de 2017, enquanto o Brasil a retração foi de 3,5% e 3,0%, respectivamente.

Gráfico 2.9: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil – 2013.1 a 2017.2



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.10 apresenta os resultados para o acumulado do ano até setembro tanto para o Brasil como para o Ceará. Inicialmente, observa-se que embora até 2014 houvesse taxas positivas, a desaceleração no setor já vinha ocorrendo, principalmente no estado do Ceará. Adicionalmente, a linha de tendência parecia indicar melhor desempenho do setor no ano de 2017 considerando que a desaceleração em 2016 já tinha sido menos intensa que 2015. No entanto, a intensidade do recuo no acumulado do ano de 2017 reverteu o processo (queda de 3,7% no Brasil e 5,1% no Ceará).

Gráfico 2.10: Acumulado do ano até setembro da Produção Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil

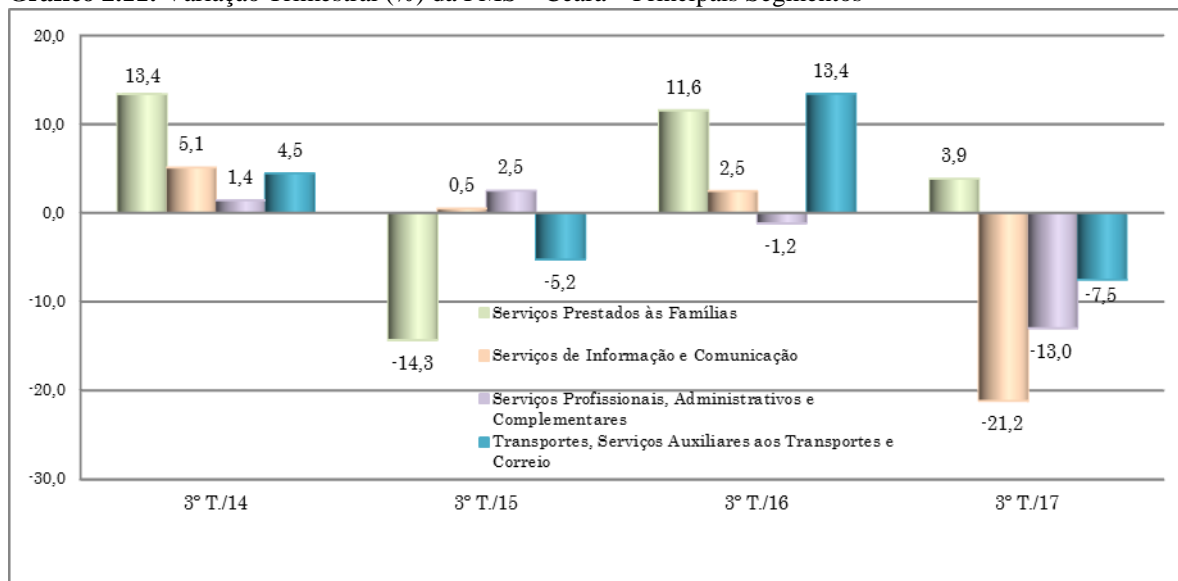
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Resultados Setoriais

Os dados do Gráfico 2.11 apresentam as taxas de variação para o terceiro trimestre a partir do ano de 2014 para os quatro principais segmentos do setor de serviços da PMS. Em primeiro lugar, pode ser observado que até o terceiro trimestre de 2014 os quatro principais segmentos do setor, similar ao cômputo geral, apresentaram desempenho positivo.

Por sua vez, neste terceiro trimestre de 2017 os dados revelam que a retração de 6,7% no setor não foi disseminada entre os seus quatro principais segmentos. De fato, o segmento Serviços Prestados as Famílias apresentou a segunda alta consecutiva ao registrar 11,6% de crescimento no terceiro trimestre de 2016 e 3,9% no terceiro trimestre de 2017. Como é um segmento que é composto pelos Serviços de Alojamento e Alimentação seu desempenho positivo tem refletido o choque favorável da safra agrícola ao longo de 2017.

No caso dos Serviços de Informação e Comunicação, após três altas seguidas, o segmento apresentou recuo de 21,2%, o que talvez explique a queda do setor como um todo na medida em que o segmento possui a maioria das empresas intensiva em capital e presente em diversas cadeias produtivas.

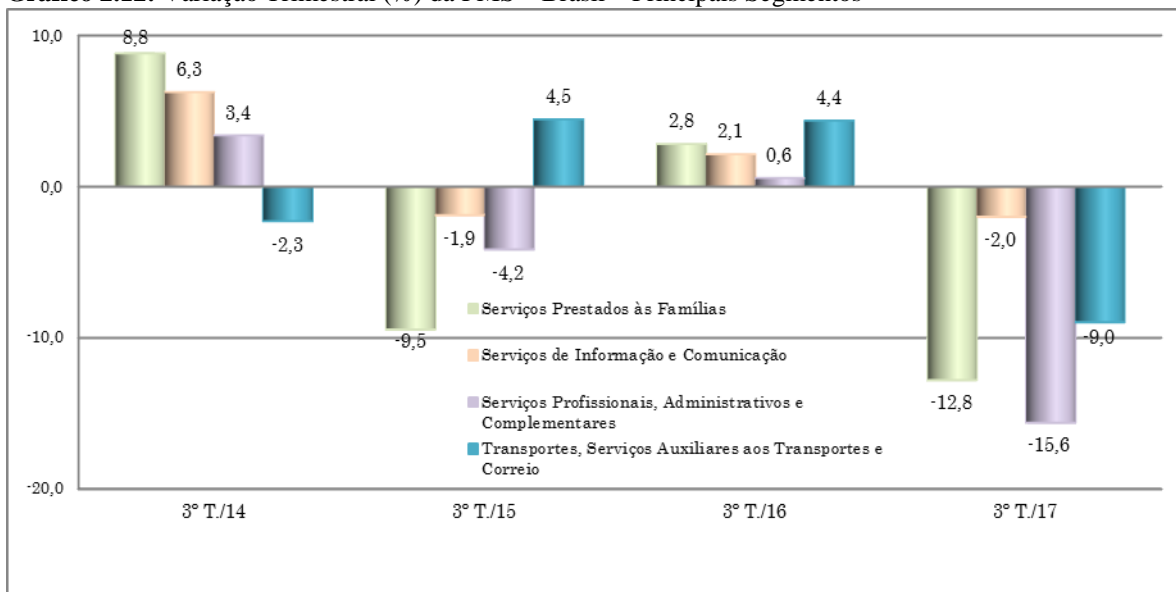
Gráfico 2.11: Variação Trimestral (%) da PMS – Ceará – Principais Segmentos

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 2.12 são também apresentados os mesmos resultados do gráfico anterior, mas na esfera nacional. Como pode ser observado, o quadro geral para o Brasil revela queda generalizada entre os quatro principais segmentos, embora Serviços de Informação e Comunicação ainda foi menos intensa (2%).

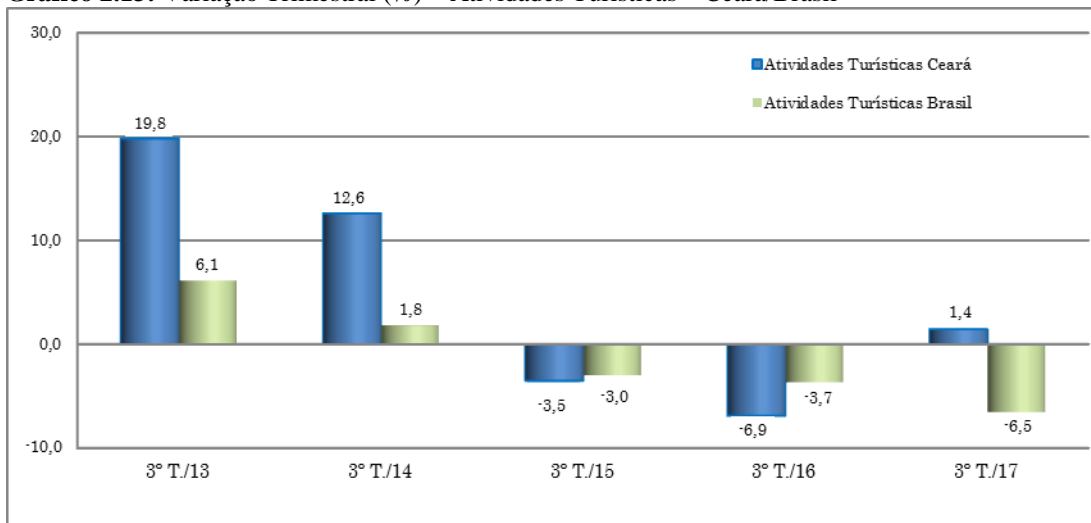
Por outro lado, os Serviços Prestados as Famílias recuou 12,8%. Como já destacado, esse segmento sinaliza uma maior dinâmica em serviços com maior elasticidade renda da demanda, como restaurantes, serviços de *catering*, recreação, esporte, arte e cultura, etc. Assim, embora neste período tenha havido crescimento do poder aquisitivo das famílias em razão da queda dos juros e controle da inflação, a resposta do segmento não foi suficiente para alavancar a retomada do crescimento.

É importante ressaltar que a recuperação do setor de serviços como um todo também está sendo influenciada pelo segmento Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares tanto no Ceará como no Brasil. No Ceará, o segmento recuou 13%, enquanto no Brasil o recuo foi de 15,6%. De fato, como são atividades que prestam serviços de apoio e complemento à produção de outras organizações assim como atividades caracterizadas pela intensidade de pessoal ocupado, dada a baixa elasticidade da produção em relação ao emprego, o segmento apresenta uma resposta mais gradual diante da recuperação da economia como um todo.

Gráfico 2.12: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil – Principais Segmentos

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 2.13 apresenta o Índice de Atividades Turísticas (IATUR), construído a partir de dez agrupamentos de atividades ligados ao setor. De acordo com os resultados, os anos de 2013 e 2014, marcados pela realização da Copa das Confederações e Copa do Mundo, respectivamente, tiveram expansão no setor, principalmente no Ceará, com taxas de 19,8% e 12,6%, respectivamente.

Gráfico 2.13: Variação Trimestral (%) – Atividades Turísticas – Ceará/Brasil

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por sua vez, nos anos de 2015 e 2016, anos nos quais a crise já tinha se alastrado para todas as atividades econômicas, houve contração de 3,5% e 6,9%, respectivamente, no Ceará. No Brasil, o recuo foi de 3,0% e 3,7%, respectivamente.

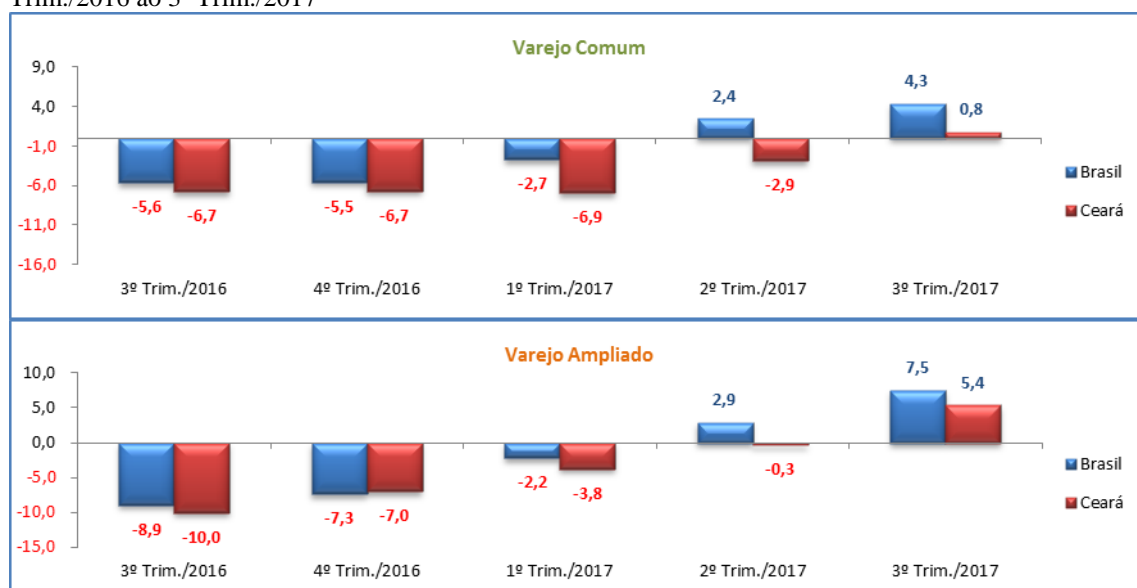
A série histórica indica que tanto a expansão como a contração das Atividades Turísticas no Ceará ocorre de forma mais expressiva no estado com relação ao Brasil. No terceiro trimestre de 2017 essa tendência tende a permanecer considerando o crescimento 1,4% no Ceará e o recuo de 6,5% no Brasil.

4.3.1. Comércio Varejista

Conforme dados divulgados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE no terceiro trimestre de 2017 o varejo comum cearense passou a registrar variação positiva de 0,8%, ou seja, uma recuperação nas vendas após a baixa registrada no segundo trimestre de 2017. Todavia, o desempenho local ficou bem abaixo da média nacional, que foi de 4,3%. Nota-se que o varejo comum nacional já havia apresentado alta desde o segundo trimestre revelando um melhor desempenho no ano. (Gráfico 2.14).

Por sua vez, o varejo ampliado cearense registrou forte recuperação no terceiro trimestre quando passou a registrar alta de 5,4%, ainda inferior à registrada pelo varejo nacional que foi de 7,5%. Todavia, no terceiro trimestre de 2016, foram observadas quedas de 8,9% para o varejo ampliado nacional e 10,0% no varejo ampliado cearense.

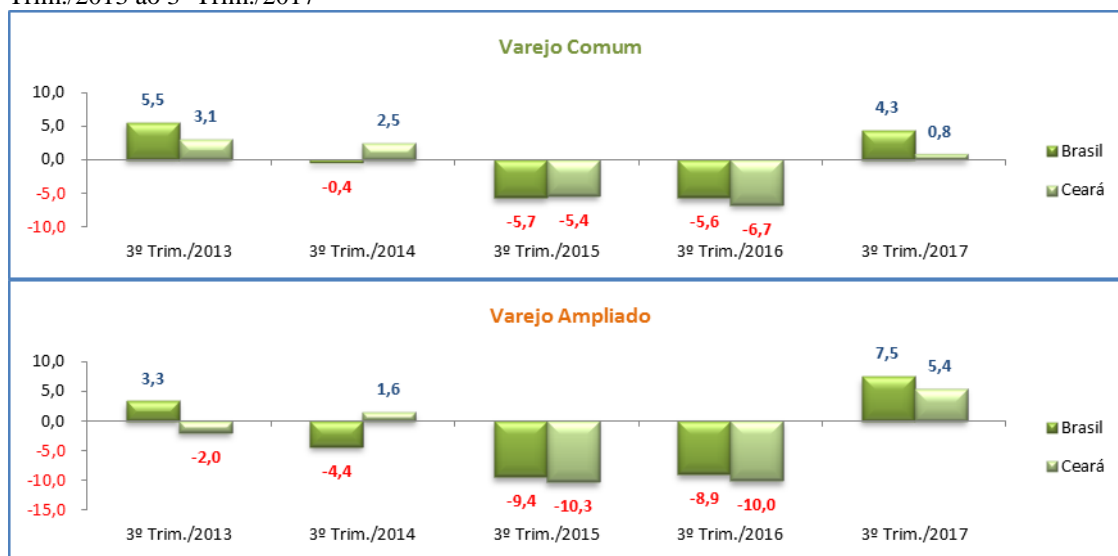
Gráfico 2.14: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – 3º Trim./2016 ao 3º Trim./2017



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Pela análise do Gráfico 2.15 que apresenta o comportamento das vendas do varejo comum e ampliado no terceiro trimestre para os últimos cinco anos é possível observar que as vendas cearenses passaram a registrar crescimento no terceiro trimestre de 2017, fato esse não observado para o referido período nos últimos dois anos. Nota-se que em 2015 e 2016, o varejo comum cearense registrou baixas consecutivas de 5,4% e de 6,7%, respectivamente, e o varejo ampliado baixas de 10,3% e 10,0%, respectivamente.

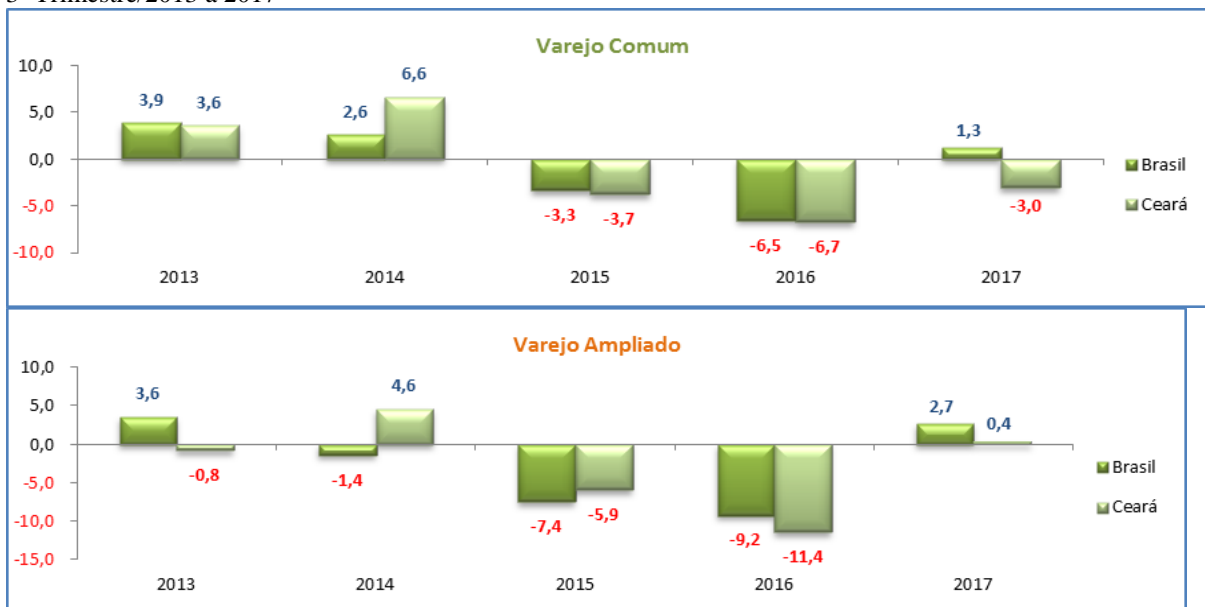
Gráfico 2.15: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – 3º Trim./2013 ao 3º Trim./2017



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

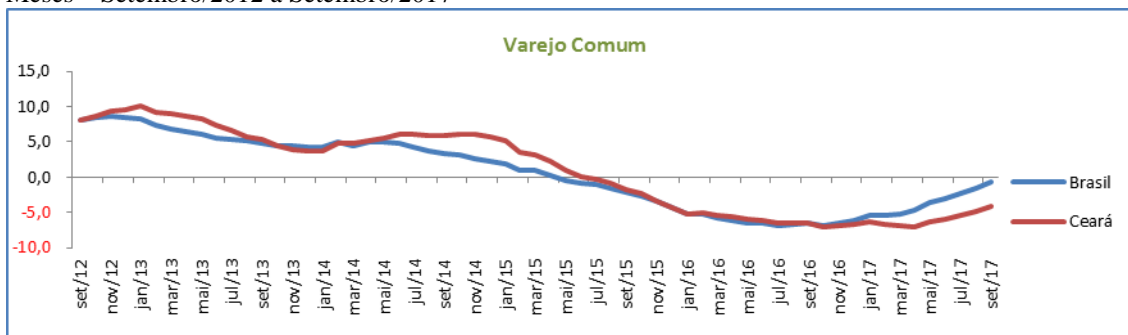
O Gráfico 2.16 apresenta a trajetória da dinâmica das vendas do varejo comum e ampliado para o acumulado do ano até setembro nos últimos cinco anos. Mesmo com a recuperação esboçada no terceiro trimestre de 2017, o varejo comum cearense registrou queda de 3,0% no acumulado do ano, enquanto o nacional obteve alta de 1,3%.

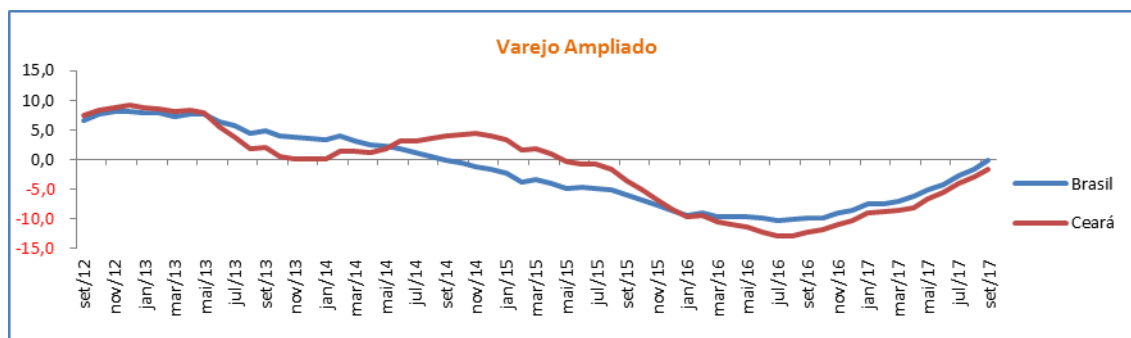
Por outro lado, o varejo ampliado cearense apresentou uma leve alta de apenas 0,4%, abaixo do nacional que apresentou variação positiva de 2,7%. Pode-se aqui afirmar que o varejo ampliado esboçou uma tímida recuperação quando nos últimos dois anos foram registradas baixas significativas de 5,9% e 11,4% para o Ceará e de 7,4% e 9,2% para o Brasil.

Gráfico 2.16: Variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado até o 3º Trimestre/2013 a 2017

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.17 abaixo apresenta a dinâmica da variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado cearense e nacional para o acumulado de 12 meses a partir de setembro de 2012 até setembro de 2017. Através desse gráfico é possível observar a mudança de trajetória de queda nas vendas do varejo local e nacional, revelando uma recuperação mais acentuada neste último. Nota-se que o varejo ampliado cearense esboçou uma recuperação mais forte que o varejo comum em função do bom desempenho nas vendas de materiais de construção e de veículos dentro do ano.

Gráfico 2.17: Variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado de 12 Meses – Setembro/2012 a Setembro/2017



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 2.9 abaixo apresenta os resultados da variação do volume de vendas do varejo por atividades para o Brasil e Ceará no período do acumulado do ano até o terceiro trimestre dos últimos cinco anos. No acumulado do ano até setembro de 2017, das treze atividades analisadas, cinco apresentaram crescimento e outras oito queda no varejo cearense em comparação com igual período de 2016.

As maiores altas foram observadas nas atividades de Material de construção (+16,5%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+15,2%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+12,0%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+5,9%) e Veículos, motocicletas, partes e peças (+4,5%). Por outro lado, as maiores quedas foram observadas nas vendas de Móveis (-30,2%); Combustíveis e lubrificantes (-25,0%) e Livros, jornais, revistas e papelaria (-16,4%). A principal explicação para queda nas vendas de móveis está ligado ao momento de crise e saturação de consumo por parte das famílias em função de políticas passadas ligadas ao incentivo a compra de bens ligados a este setor. Já com relação as vendas de combustíveis a principal explicação são as sucessivas altas praticadas pela distribuidoras ao longo de vários meses do ano.

Tabela 2.9: Variação do volume de vendas do varejo por atividades – Brasil e Ceará – Acumulado até o 3º Trimestre/2013 a 2017

Atividades	Brasil					Ceará				
	2013	2014	2015	2016	2017	2013	2014	2015	2016	2017
Material de construção	7,3	0,2	-6,4	-12,0	7,5	1,0	9,4	-0,2	-25,4	16,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,0	-4,1	4,0	-14,8	-1,1	-7,7	8,7	-24,7	-12,6	15,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,5	9,4	3,6	-1,0	1,0	20,9	3,1	6,9	-4,2	12,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	10,3	7,9	1,5	-11,7	1,8	1,5	17,3	1,3	-12,9	5,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	2,0	-9,2	-16,1	-14,6	0,5	-9,4	-0,6	-12,7	-19,2	4,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,3	1,9	-2,3	-2,9	0,4	-0,8	3,5	-5,6	-3,2	-0,6
Eletrodomésticos	9,1	1,2	-12,2	-14,0	9,6	-2,7	6,8	-9,4	-27,0	-2,5
Tecidos, vestuário e calçados	3,2	-1,1	-7,3	-11,3	7,8	5,3	8,5	4,3	-2,5	-2,7
Hipermercados e supermercados	1,3	1,8	-2,2	-2,8	0,6	-1,0	3,8	-5,3	-2,5	-7,5
Móveis e eletrodomésticos	5,4	1,4	-13,0	-13,6	8,8	6,2	7,5	-7,8	-17,2	-13,1

Livros, jornais, revistas e papelaria	2,9	-7,1	-9,6	-16,9	-3,6	-0,5	-5,7	-13,7	-22,3	-16,4
Combustíveis e lubrificantes	6,0	3,0	-4,4	-9,7	-3,2	13,6	10,7	-3,3	-4,4	-25,0
Móveis	-1,5	2,6	-14,8	-12,8	-5,9	23,5	7,9	-5,2	-2,2	-30,2

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

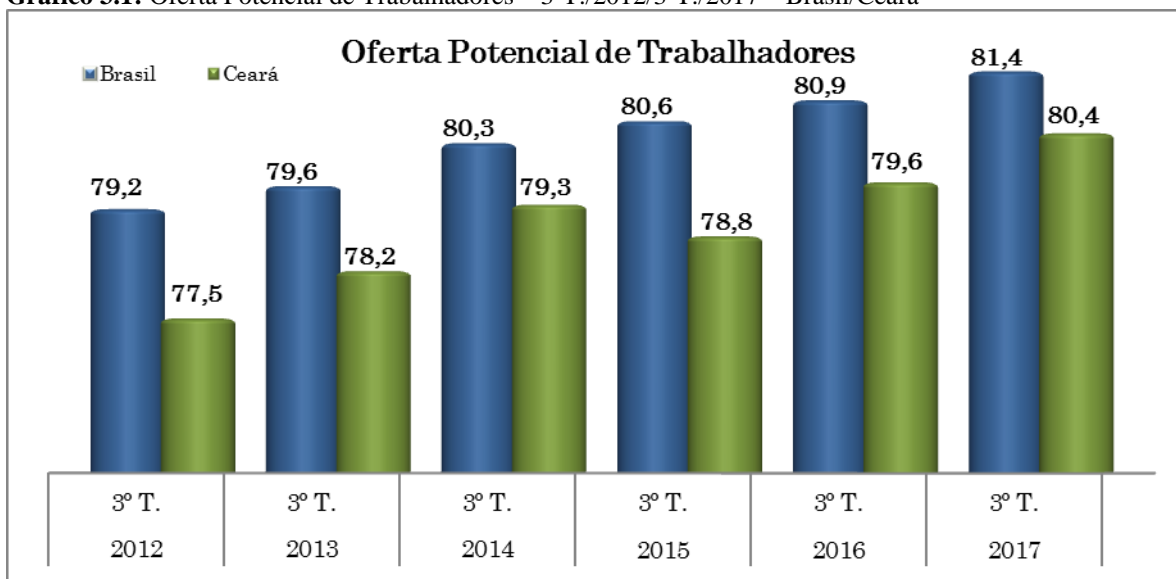
3 MERCADO DE TRABALHO

3.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

Esta seção descreve o Mercado de Trabalho do Ceará a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dados do Gráfico 3.1 descreve que a Oferta Potencial de Trabalhadores do Estado do Ceará encontra-se na etapa do Bônus Demográfico na medida em que a População em Idade de Trabalhar (PIT) expande-se mais velozmente que a População Total (PT). Como pode ser observado, a Oferta Potencial de Trabalho (PIT/PT) pode ser afetada tanto pela População em Idade de Trabalhar (PIT) como pela População Total (PT).

Gráfico 3.1: Oferta Potencial de Trabalhadores – 3ºT./2012/3ºT./2017 – Brasil/Ceará



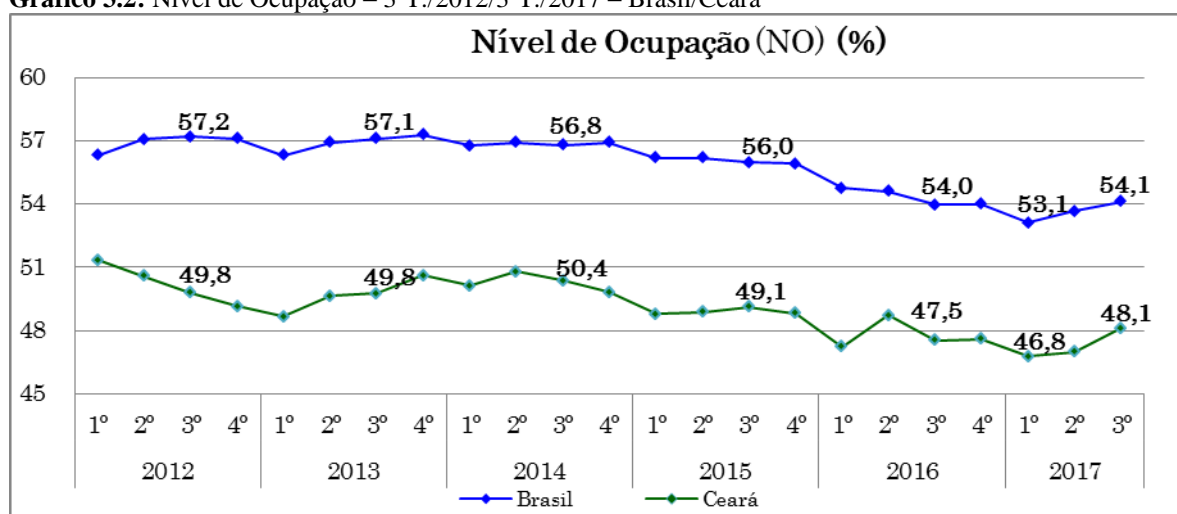
Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Neste terceiro trimestre de 2017 a Oferta Potencial de Trabalho nacional esteve 1,0 ponto percentual (p.p.) acima da Oferta Potencial de Trabalho do Estado do Ceará. No terceiro trimestre de 2012 a diferença era de 1,7 ponto percentual. A Oferta Potencial de Trabalhadores do Brasil é maior que a do Ceará em razão da PIT nacional ser maior que sua PT em termos proporcionais (mais adultos e menos crianças resulta em Oferta de Trabalho maior).

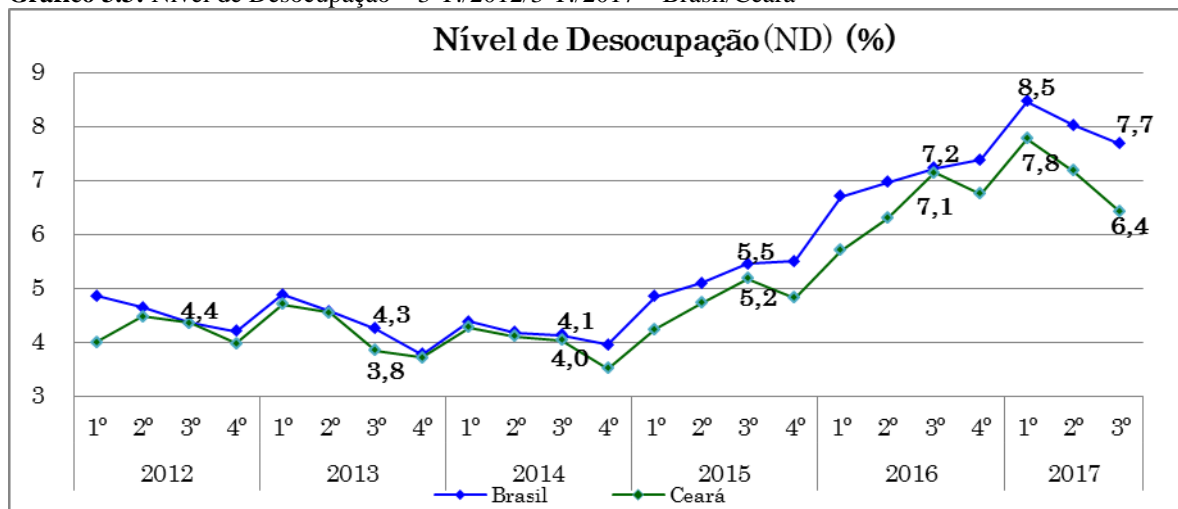
Por sua vez, o Gráfico 3.2 apresenta o Nível de Ocupação (NO) e o Gráfico 3.3 o Nível de Desocupação (ND). Pode-se observar que o Nível de Ocupação (NO) do Ceará aumentou 0,6 p.p. do terceiro trimestre de 2016 ao terceiro trimestre de 2017, enquanto nesse mesmo período o Nível de Desocupação (ND) reduziu em 0,7 p.p. Portanto, o *aumento da demanda de mão de obra* a partir da elevação do Nível de Ocupação foi completamente transformada em *redução de oferta de mão de obra* em termos de Nível de Desocupação. Ademais, a redução de 0,1 p.p. do ND acima do NO exerceu uma maior pressão no Mercado de Trabalho cearense neste terceiro trimestre de 2017.

Deve-se destacar que o Nível de Ocupação atinge a mínima da série histórica tanto no Brasil como no Ceará no primeiro trimestre de 2017 de 53,1% e 46,8%, respectivamente, assim como o Nível de Desocupação para esse mesmo período com valores para o Brasil e Ceará de, respectivamente, 8,5% e 7,8%. Em ambas as variáveis, a tendência sinaliza recuperação do Mercado de Trabalho a partir do segundo trimestre de 2017.

Gráfico 3.2: Nível de Ocupação – 3ºT./2012/3ºT./2017 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Gráfico 3.3: Nível de Desocupação – 3ºT./2012/3ºT./2017 – Brasil/Ceará

Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Por sua vez, o Gráfico 3.4 apresenta a Taxa de Desemprego (TD), também denominada de Taxa de Desocupação. Neste caso, é um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que foram a busca e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

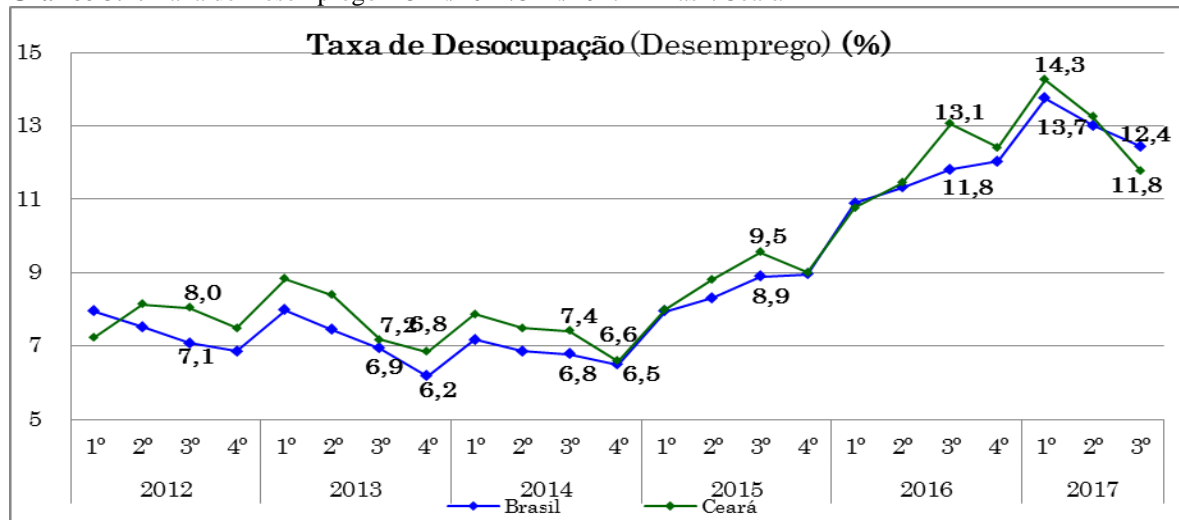
De acordo com a PNAD Contínua, os desocupados na semana de referência são as pessoas sem trabalho (que geram rendimentos para o domicílio) nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência. Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência.

Semelhante aos resultados dos dois gráficos anteriores, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil atingem a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, seguindo uma tendência declinante nos dois trimestres subsequentes, principalmente no estado. Neste terceiro trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11,8%, um recuo de 2,5 p.p. com relação à máxima de 14,3% do início do ano. No Brasil, a Taxa de Desemprego encontra-se em 12,4%.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados, considerando que no quarto trimestre de 2014 havia atingido a mínima na série histórica (no Brasil, a mínima ocorreu no quarto trimestre de 2013). Ressalte-se que a tendência seja de

queda para o quarto trimestre de 2017, em razão da sazonalidade e maior eficiência nas negociações trabalhistas com as novas regras em vigor a partir de novembro.

Gráfico 3.4: Taxa de Desemprego – 3ºT./2012/3ºT./2017 – Brasil/Ceará

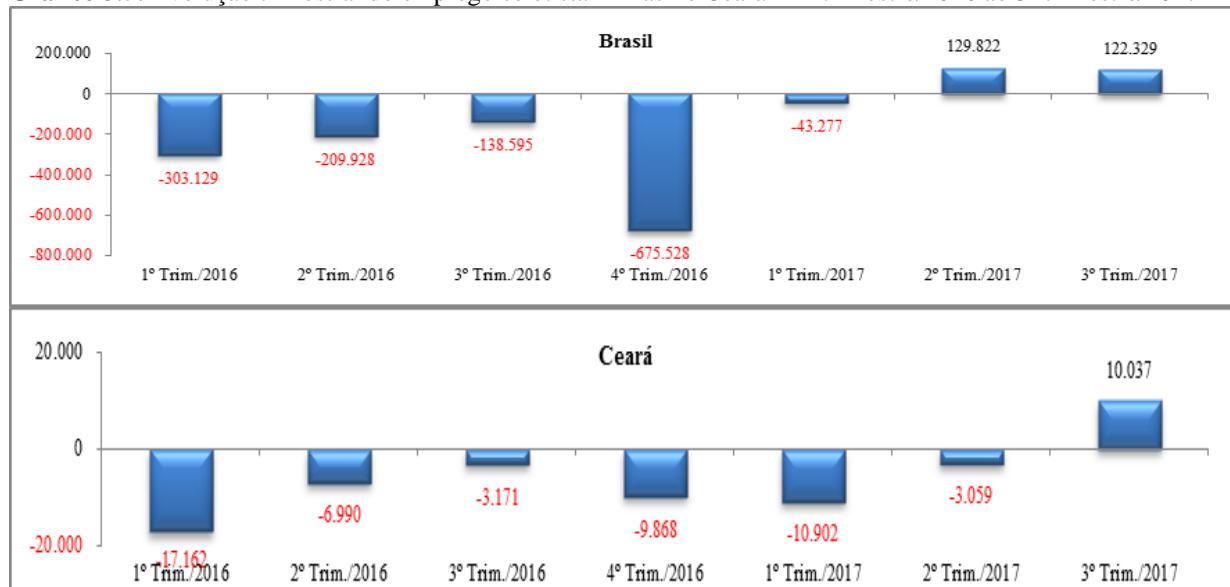


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

3.2. Emprego Formal

Conforme dados divulgados pelo CAGED do Ministério do Trabalho é possível observar que o país registrou criação de vagas a partir do 2º trimestre de 2017, enquanto o Ceará apenas no 3º trimestre de 2017, revelando uma certa defasagem na recuperação dos empregos e confirmando o bom momento vivido pelo mercado de trabalho nos três meses que formam esse último período.

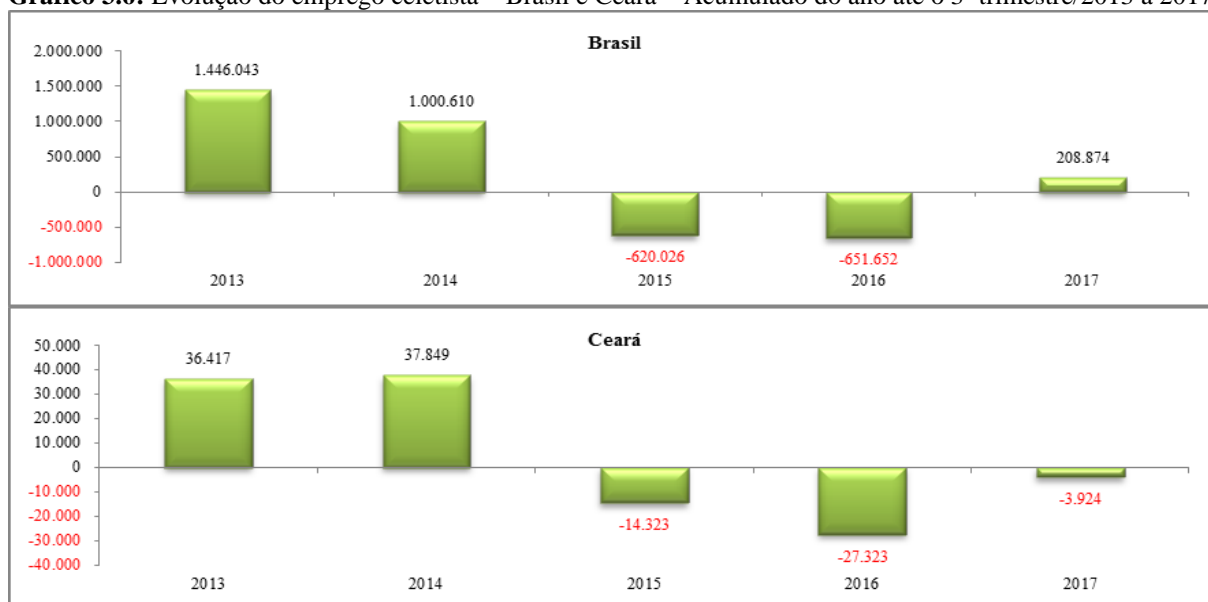
Gráfico 3.5: Evolução trimestral do emprego celetista – Brasil e Ceará – 1º trimestre/2016 ao 3º trimestre/2017



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE.

Pela análise do Gráfico 3.6 abaixo que apresenta a evolução dos empregos para o acumulado do ano até o 3º trimestre no Brasil e no Ceará nos últimos cinco anos é possível se ter uma ideia mais clara da recuperação observada no mercado de trabalho no último ano. O Brasil conseguiu reverter o sinal negativo observado nos últimos dois anos, passando a gerar 208.874 vagas no acumulado até setembro de 2017. Enquanto isso, o Ceará que registrou aumento da destruição de postos de trabalho em 2016, passou a fechar um número significativamente menor em 2017 (-3.924 vagas).

Gráfico 3.6: Evolução do emprego celetista – Brasil e Ceará – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2013 a 2017



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE.

Por sua vez, na Tabela 3.1 a seguir é possível observar quais estados apresentaram os melhores resultados no mercado de trabalho com carteira assinada por trimestres. Nota-se que o desempenho positivo do Brasil no 3º trimestre de 2017 foi possível por causa de vinte estados terem apresentado saldo positivo de vagas. Os estados que mais criaram empregos no referido trimestre foram: São Paulo (+45.141 vagas); Pernambuco (+19.406 vagas); Santa Catarina (+14.655 vagas); Mato Grosso (+11.357 vagas) e Ceará (+10.037 vagas). Os piores resultados no trimestre foram observados nos estados do Rio de Janeiro (-16.637 vagas); Minas Gerais (-11.606 vagas); Espírito Santo (-4.308 vagas); Mato Grosso do Sul (-2.458 vagas) e Rio Grande do Sul (-2.297 vagas).

Tabela 3.1: Evolução trimestral do emprego celetista – Brasil e Estados – 1º trimestre/2016 ao 3º trimestre/2017

Estados	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º
	Trim./2016	Trim./2016	Trim./2016	Trim./2016	Trim./2017	Trim./2017	Trim./2017
São Paulo	-77.183	-55.135	-37.800	-226.825	12.427	53.752	45.141
Pernambuco	-40.153	-11.305	24.993	-21.127	-32.142	2.446	19.406
Santa Catarina	8.534	-15.872	1.139	-26.581	22.464	92	14.655
Mato Grosso	8.186	-1.739	-489	-23.887	9.386	9.585	11.357
Ceará	-17.162	-6.990	-3.171	-9.868	-10.902	-3.059	10.037
Alagoas	-23.434	-8.904	16.435	4.351	-28.418	-4.433	6.887
Paraíba	-9.714	-3.536	6.748	-5.484	-9.128	-1.149	6.412
Rio Grande do Norte	-9.621	-5.600	4.456	-4.895	-3.324	-425	6.071
Bahia	-11.579	-21.350	-8.630	-31.628	-4.657	12.297	5.931
Para	-9.254	-5.915	-4.086	-20.222	-7.222	-1.832	5.324
Paraná	-4.901	-11.337	-4.008	-40.678	17.107	6.355	5.161
Goiás	7.827	11.988	-3.298	-35.847	19.509	21.672	4.598
Amazonas	-11.063	-3.564	2.341	-5.144	-4.012	-1.356	3.812
Maranhão	-10.606	-2.224	3.323	-8.199	-5.499	2.343	3.741
Distrito Federal	-5.836	-5.690	-3.541	-12.184	349	-900	3.237
Rondônia	-2.554	-1.998	-1.400	-6.080	-1.850	999	3.046
Tocantins	404	-730	-410	-3.243	806	1.536	1.851
Piauí	-7.115	-912	-519	-4.099	-661	2.321	1.776
Roraima	561	-191	579	-690	481	588	1.015
Acre	-1.204	82	727	-2.382	-466	449	781
Amapá	-1.810	-716	-659	-554	-174	441	-39
Sergipe	-8.425	-3.556	-2.670	-675	-6.416	824	-565
Rio Grande do Sul	19.572	-32.339	-15.671	-25.059	25.823	-24.156	-2.297
Mato Grosso do Sul	1.866	1.433	3.908	-9.131	5.698	1	-2.458
Espírito Santo	-10.393	-4.947	-10.937	-11.633	-1.688	7.296	-4.308
Minas Gerais	-24.835	20.855	-44.009	-70.152	11.599	56.659	-11.606
Rio de Janeiro	-63.237	-39.736	-61.946	-73.612	-52.367	-12.524	-16.637
Total	-303.129	-209.928	-138.595	-675.528	-43.277	129.822	122.329

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE.

Finalmente, a Tabela 3.2 abaixo traz os saldos de empregos para o acumulado do ano até setembro dos últimos cinco anos. Um total de dezoito estados passou a registrar saldo positivo de empregos em 2017, contra apenas quatro estados em 2016.

Vale destacar os estados que apresentaram as maiores gerações de empregos com carteira assinada no ano, São Paulo (+111.320 vagas); Minas Gerais (+56.652 vagas); Goiás (+45.779 vagas); Santa Catarina (+37.211 vagas); e Mato Grosso (+30.328 vagas).

Apesar do bom desempenho no terceiro trimestre, o Ceará apresentou a quinta maior destruição de vagas no acumulado do ano de 2017 (-3.924 vagas), inferior ao apresentado pelos estados do Rio de Janeiro (-81.528 vagas); Alagoas (-25.964 vagas); Pernambuco (-10.290 vagas) e Sergipe (-6.157 vagas).

Tabela 3.2: Evolução anual do emprego celetista – Brasil e Estados – Acumulado até o 3º trimestre/2013 a 2017

Estados	2013	2014	2015	2016	2017
São Paulo	437.548	272.099	-165.648	-170.118	111.320
Minas Gerais	159.559	95.689	-86.585	-47.989	56.652
Goiás	95.055	67.491	20.270	16.517	45.779
Santa Catarina	89.158	77.387	-12.211	-6.199	37.211
Mato Grosso	43.510	30.765	11.564	5.958	30.328
Paraná	119.765	85.956	-13.142	-20.246	28.623
Bahia	59.280	48.217	-38.401	-41.559	13.571
Tocantins	8.334	12.234	1.339	-736	4.193
Piauí	12.003	12.045	2.531	-8.546	3.436
Mato Grosso do Sul	26.676	15.351	-2.404	7.207	3.241
Distrito Federal	26.929	21.868	-2.585	-15.067	2.686
Rio Grande do Norte	9.983	11.678	-6.719	-10.765	2.322
Rondônia	4.245	4.377	-7.419	-5.952	2.195
Roraima	725	3.448	263	949	2.084
Espírito Santo	20.819	18.593	-27.161	-26.277	1.300
Acre	3.126	3.486	366	-395	764
Maranhão	17.428	14.393	-2.509	-9.507	585
Amapá	3.779	34	-3.940	-3.185	228
Rio Grande do Sul	99.108	49.140	-49.155	-28.438	-630
Amazonas	24.904	1.132	-19.367	-12.286	-1.556
Para	35.219	40.821	-5.407	-19.255	-3.730
Paraíba	10.241	13.891	-9.623	-6.502	-3.865
Ceará	36.417	37.849	-14.323	-27.323	-3.924
Sergipe	6.966	8.437	-4.365	-14.651	-6.157
Pernambuco	26.336	6.435	-61.572	-26.465	-10.290
Alagoas	-20.604	-14.917	-12.968	-15.903	-25.964
Rio de Janeiro	89.534	62.711	-110.855	-164.919	-81.528
Total	1.446.043	1.000.610	-620.026	-651.652	208.874

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE.

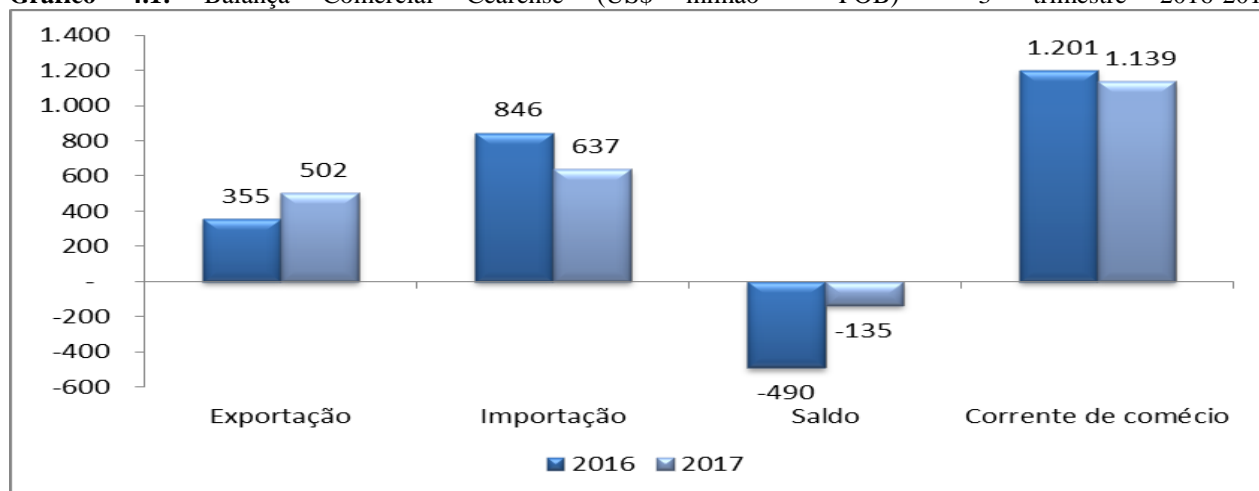
4 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará totalizaram US\$ 501,9 milhões no terceiro trimestre de 2017, observando-se um crescimento de 13,9% em relação ao segundo trimestre de 2017, quando as vendas externas totalizaram US\$ 440,5 milhões. Na comparação com o terceiro trimestre de 2016 verificou-se um crescimento na ordem de 41,3%. Na análise mensal, as exportações de setembro destacaram-se no terceiro trimestre, fechando com um valor de US\$ 182,5 milhões, registrando um crescimento de 16,7% relativamente ao mês imediatamente anterior. Porém, maio continua sendo o mês com o maior volume exportado do ano (US\$ 205,3 milhões).

As importações fecharam o terceiro trimestre com o acumulado de US\$ 636,6 milhões, valor 21% maior que o verificado no segundo trimestre do ano, que foi de US\$ 525,5 milhões. As importações do trimestre registraram queda de 24,7% em comparação ao mesmo período de 2016, quando totalizaram o valor US\$ 845,6 milhões. O mês de setembro apresentou o melhor resultado do trimestre.

O saldo da balança comercial cearense foi deficitário em US\$ 135 milhões no terceiro trimestre de 2017, valor menor que o obtido no mesmo período de 2016 (US\$ -490,4 milhões). O valor da corrente de comércio do terceiro trimestre foi de US\$ 1,13 bilhão, com redução de 5,2% em relação ao registrado em 2016. Esse resultado foi influenciado pela redução das importações, conforme visto no Gráfico 4.1.

Gráfico 4.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 3º trimestre 2016-2017



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

No cenário nacional, as exportações brasileiras no terceiro trimestre de 2017 atingiram o valor de US\$ 56,9 bilhões, e as importações alcançaram US\$ 39,8 bilhões. As exportações e importações brasileiras obtiveram aumento de 15,8% e 8,9%, respectivamente, em relação ao terceiro trimestre de 2016. O saldo do terceiro trimestre de 2017 registrou superávit na ordem

de US\$ 17 bilhões, obtendo, assim, crescimento de 36% em comparação ao mesmo período de 2016 (US\$ 12,5 bilhões).

No acumulado de janeiro a setembro de 2017, a balança comercial brasileira registrou um saldo positivo no valor de US\$ 53,2 bilhões, resultado proveniente das exportações na ordem de US\$ 164,5 bilhões e importações que somaram US\$ 111,3 bilhões.

No *ranking* das exportações nacionais o estado de São Paulo continua sendo o líder, seguido de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com participação de 23%, 11,6% e 10,3%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 14ª posição, participando com 0,89% do total exportado pelo país; em 2016, essa participação era de apenas 0,59%. Pelo lado das importações, São Paulo é o maior importador do país seguido por Santa Catarina e Paraná, com participação de 36,5%, 8,3% e 7,8%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 14ª posição do *ranking*, com 1,56% das importações nacionais.

No acumulado de janeiro a setembro de 2017, as exportações e importações brasileiras registraram aumento de 18% e 7,9%, respectivamente, em relação a 2016. Nos primeiros nove meses de 2017, a região Nordeste representou 7,55% das exportações e 13% das importações do total do Brasil. O Ceará, por sua vez, representou 11,8% do volume exportado e 12% do acumulado das compras externas da região, ocupando o terceiro lugar como maior exportador do Nordeste e o quarto lugar no *ranking* das importações da região.

Exportações

No terceiro trimestre de 2017, os *produtos metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 247,2 milhões desse setor, valor que corresponde a 49,2% do total exportado pelo estado. Em comparação com o terceiro trimestre de 2016, houve um aumento de 487,4% na venda do setor. As exportações de *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular* participam com 95,6% do total desse grupo.

O setor de *Calçados* ocupa o segundo lugar, com valor de exportado de US\$ 69,9 milhões no terceiro trimestre de 2017, participando com 13,9% do total exportado no período. No mesmo período em 2016, o grupo ocupava a primeira posição com US\$ 69,4 milhões exportado.

Em terceiro lugar, está *Couros e Peles*, com participação de 5,6%. Foi exportado o valor de US\$ 28,3 milhões, registrando uma queda de 19,9%, comparado ao mesmo período de 2016.

Dos principais produtos, também registraram queda *Maquinas, aparelhos e suas partes* (-51,9%), *Castanha de caju sem casca* (-26,8%), *Combustíveis Minerais e outros derivados* (-24,6%), *Têxteis* (-15,8%) e *Produtos da Indústria de Alimentos e Bebidas* (-11,4%).

Vale ressaltar que, além dos *produtos metalúrgicos*, apenas o produto *Ceras Vegetais* (13,5%) obteve variação positiva, comparada ao terceiro trimestre de 2016, dentre os dez principais da pauta exportadora cearense.

A principal via de escoamento dos produtos cearenses no segundo trimestre de 2017 foi marítima, pelos portos do Pecém (64,9%), de Fortaleza (14,1%) e de Santos (5,6%).

Tabela 4.1: Principais produtos exportados – 3º trimestre – 2016-2017 (US\$ FOB)

Principais produtos	3º trim 2016		3º trim 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part %	Valor (US\$)	Part %	
Produtos Metalúrgicos	42.081.558	11,85	247.197.548	49,24	487,42
Calçados e suas partes	69.469.653	19,55	69.921.232	13,93	0,65
Couros e Peles	35.448.831	9,98	28.368.159	5,65	-19,97
Produtos Ind. de Alim. e Beb.	28.696.430	8,08	25.417.923	5,06	-11,42
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	27.592.483	7,77	20.185.628	4,02	-26,84
Lagosta	18.857.732	5,31	18.094.835	3,60	-4,05
Combustíveis minerais e outros derivados	21.058.861	5,93	15.870.278	3,16	-24,64
Ceras Vegetais	11.808.058	3,32	13.402.895	2,67	13,51
Máquinas, aparelhos e suas partes	27.820.042	7,83	13.378.839	2,67	-51,91
Têxteis	12.011.125	3,38	10.104.472	2,01	-15,87
Demais produtos	60.419.565	17,01	40.046.052	7,98	-33,72
Ceará	355.264.338	100,00	501.987.861	100,00	41,30

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

Os Estados Unidos, México e Alemanha foram os principais destinos das exportações cearenses. Observou-se uma mudança na participação dos principais destinos em 2017, com relação a 2016, com o surgimento de novos países de destino e maior participação de países que antes eram poucos expressivos na pauta.

Os Estados Unidos permanece como principal comprador das mercadorias cearenses, com participação de 18%. No terceiro trimestre de 2017, o crescimento do valor exportado para os Estados Unidos foi de 8%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Os principais produtos exportados para esse país foram: *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular, Castanha de caju sem casca, sucos de outras frutas, lagostas, calçados e suas partes e ceras vegetais*.

O México aparece em segundo lugar como um dos principais destinos das exportações cearenses, com 16,2% de participação; no mesmo período do ano anterior a participação foi de apenas 1%. O valor exportado para esse país foi na ordem de US\$ 81,2 milhões no terceiro trimestre de 2017, tendo no mesmo período de 2016 o valor exportado sido de US\$ 3,8 milhões. Os principais produtos exportados para esse destino foram: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, Couros e Peles e Castanha de caju*.

O terceiro principal destino foi a Alemanha, com 7,43% de participação. O valor exportado para esse país foi de US\$38,38 milhões, com destaque para os produtos *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, Máquinas, aparelhos e suas partes, Ceras Vegetais e Couros e Peles*.

Tabela 4.2: Principais Destinos das Exportações (US\$ FOB) - 3º Trimestre de 2016-2017

Principais países	Valor (UU\$ FOB) 3º trim. 2016	Part. %	Valor (UU\$ FOB) 3º trim. 2017	Part. %	Var (%) 2017/2016
Estados Unidos	83.772.077	23,58	90.538.384	18,04	8,08
México	3.871.969	1,09	81.265.029	16,19	1.998,80
Alemanha	31.449.960	8,85	38.382.500	7,65	22,04
Argentina	48.608.435	13,68	35.926.287	7,16	-26,09
Canadá	4.171.979	1,17	27.604.683	5,50	561,67
Turquia	8.574.033	2,41	21.163.591	4,22	146,83
Tcheca, República	6.427.311	1,81	21.146.926	4,21	229,02
Itália	10.126.151	2,85	20.954.251	4,17	106,93
Reino Unido	13.723.155	3,86	15.840.104	3,16	15,43
Portugal	1.627.810	0,46	15.165.334	3,02	831,64
Demais países	142.911.458	40,23	134.000.772	26,69	-6,24
Total	355.264.338	100,00	501.987.861	100,00	41,30

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

No terceiro trimestre de 2017, o grupo de combustíveis minerais lidera o *ranking* das importações do estado, com valor de US\$ 255,9 milhões, consistindo em 40,2% do total das importações nesse período, apresentando alta de 139,1% em relação ao mesmo período de 2016. Os principais produtos importados desse grupo foram *Hulha betuminosa, não aglomerada e Gás natural liquefeito*.

Os produtos da *Indústria Química* foram o segundo de maior valor importado no terceiro trimestre, com US\$ 74,3 milhões (11,67%), apresentando um crescimento de 22% sobre o terceiro trimestre de 2016. Os principais produtos importados desse grupo foram pesticidas voltados para o cultivo agrícola.

Cereais ocupam o terceiro lugar, com valor de US\$ 60,6 milhões (9,53%), aumentando em 8,36% suas importações em relação ao mesmo período de 2016. Esse grupo foi representado por Trigo e Arroz.

No terceiro trimestre de 2017 as importações de *castanha de caju com casca* registraram crescimento de 332,6% em comparação com o mesmo período de 2016. No terceiro trimestre de 2016, o valor importado do produto era na ordem de US\$ 4 milhões, representando 0,48% de participação na pauta importadora do estado. Já em 2017, a importação de castanha de caju

com casca registrou o valor de US\$ 17,6 milhões, participando, assim, com 2,7% do total importado pelo estado. A aquisição desse produto é feita exclusivamente da Costa do Marfim. Houve crescimento das importações de *Produtos Metalúrgicos* (7,2%), *Plásticos, Borrachas e suas obras* (40,88%) e *Instrumentos de óptica, instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos* (13,4%).

Tabela 4.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre 2016-2017

Principais produtos	3º trim. 2016		3º trim. 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part. %	Valor (US\$)	Part. %	
Combustíveis minerais e outros derivados	107.061.046	12,66	255.991.860	40,21	139,11
Produtos Ind. Química	60.866.362	7,20	74.301.531	11,67	22,07
Cereais	56.010.971	6,62	60.691.672	9,53	8,36
Reatores nucleares, máquinas e suas partes	436.818.495	51,65	46.293.882	7,27	-89,40
Produtos Metalúrgicos	31.930.370	3,78	34.234.662	5,38	7,22
Máquinas, materiais elétricos e suas partes	29.212.023	3,45	28.591.040	4,49	-2,13
Têxteis	40.919.642	4,84	28.254.058	4,44	-30,95
Plásticos, Borrachas e suas obras	18.916.127	2,24	26.648.370	4,19	40,88
Castanha de caju com casca	4.083.165	0,48	17.665.634	2,77	332,65
Instrumentos de óptica, instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos	5.617.519	0,66	6.371.617	1,00	13,42
Demais produtos	54.236.076	6,41	57.559.401	9,04	6,13
Ceará	845.671.796	100,00	636.603.727	100,00	-24,72

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

Origens

No terceiro trimestre de 2017 o Ceará importou, principalmente, produtos vindos da China, correspondendo à quantia de US\$ 125,3 milhões, valor inferior (-7,3%) ao registrado no terceiro trimestre de 2016. Esse país participou com 14,8% do total da pauta cearense, contra 15,98% no segundo trimestre de 2016. Os principais produtos oriundos desse país são *Maquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes*.

Os Estados Unidos foi o segundo país de onde o Ceará mais importou, com valor de US\$ 102,7 milhões, correspondendo a 12,15% do total importado pelo estado e apresentando aumento de 26,18%, em relação ao terceiro trimestre de 2016. O principal produto importado desse país foi *Combustíveis minerais* (31,96%).

Dos principais fornecedores externos do estado do Ceará, no terceiro trimestre de 2017, os que obtiveram maior variação positiva foram: Rússia (2.788,7%), Costa do Marfim (332,65%) e Nigéria (170,85%). Desses países foram importados, respectivamente: *Produtos da Indústria Química, Castanha de Caju com Casca e Combustíveis minerais*.

As compras cearenses oriundas da Angola registraram o valor de US\$ 16,6 milhões e representaram 1,97% do total importado pelo estado no período analisado. Em 2016, o estado

não realizou nenhuma compra significativa desse país. Os produtos oriundos desse país foram *Naftas para petroquímica* (72,52%) e *Gás natural liquefeito* (27,48%).

Tabela 4.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre -2016-2017

Principais países	3º trim 2016		3º trim 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part %	Valor (US\$)	Part %	
China	135.173.617	15,98	125.306.765	14,82	-7,30
Estados Unidos	81.413.086	9,63	102.724.686	12,15	26,18
Colômbia	44.085.318	5,21	71.109.853	8,41	61,30
Argentina	30.626.353	3,62	58.313.970	6,90	90,40
Nigéria	16.964.300	2,01	45.947.108	5,43	170,85
Austrália	26.480.967	3,13	31.403.053	3,71	18,59
Alemanha	14.452.505	1,71	27.618.622	3,27	91,10
Rússia	648.784	0,08	18.742.008	2,22	2788,79
Costa do Marfim	4.083.165	0,48	17.665.634	2,09	332,65
Angola	0	0,00	16.625.932	1,97	-
Demais países	491.743.701	58,15	330.159.440	39,04	-32,86
Total	845.671.796	100,00	845.617.071	100,00	-0,01

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

5 FINANÇAS PÚBLICAS

As contas públicas cearenses, no terceiro trimestre de 2017, apresentaram alguns resultados positivos, quando comparadas ao terceiro trimestre de 2016, apesar da queda, como pode ser observado na Tabela 7.1, de 1,3% das “Receitas Correntes”, no terceiro trimestre de 2017, frente a idêntico período de 2016, influenciada pelo comportamento das “Outras Receitas Correntes”. No acumulado do ano, constata-se, ainda, que as “Receitas Correntes” cresceram 0,9%, relativamente ao ano anterior, sendo esse resultado derivado do comportamento das “Transferências Correntes” e “Receitas Tributárias”.

Tabela 7.1: Receitas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2016 e 2017 – (R\$1.000,00 de 3º trim. 2017)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2016		2017		Var (%)	2016		2017		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	4.980.906	88,3	4.914.533	86,7	-1,3	15.667.463	88,6	15.809.268	90,4	0,9
Receita tributária	2.783.568	49,4	2.918.651	51,5	4,9	8.722.733	49,3	8.985.751	51,4	3,0
Transferências correntes	1.526.321	27,1	1.588.026	28,0	4,0	5.371.023	30,4	5.546.288	31,7	3,3
Outras receitas correntes	671.018	11,9	407.855	7,2	-39,2	1.573.707	8,9	1.277.230	7,3	-18,8
Receitas de capital	374.082	6,6	450.088	7,9	20,3	1.204.407	6,8	834.053	4,8	-30,7
Operações de crédito	290.073	5,1	329.508	5,8	13,6	867.821	4,9	594.095	3,4	-31,5
Outras receitas de capital	84.009	1,5	120.580	2,1	43,5	336.585	1,9	239.958	1,4	-28,7
Receitas intraorçamentárias	284.932	5,1	302.846	5,3	6,3	809.989	4,6	840.667	4,8	3,8
Total geral	5.639.920	100,0	5.667.466	100,0	0,5	17.681.859	100,0	17.483.988	100,0	-1,1
Receita corrente líquida	3.934.390	69,8	3.991.189	70,4	1,4	12.976.780	73,4	13.006.189	74,4	0,2

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

Os fatos positivos foram o crescimento de 4,9% das “Receitas Tributárias” e de 4,0% das “Transferências Correntes” no terceiro trimestre. Contribuíram para esse desempenho a recuperação da economia cearense e brasileira vivenciada nos últimos três trimestres. Quanto ao desempenho negativo das “Outras Receitas Correntes” deve-se mencionar que, em 2016, o Governo do Estado recorreu a diversas medidas para aumentar receitas não recorrentes, como o uso dos depósitos judiciais, que não foram utilizadas no decorrer do ano de 2017.

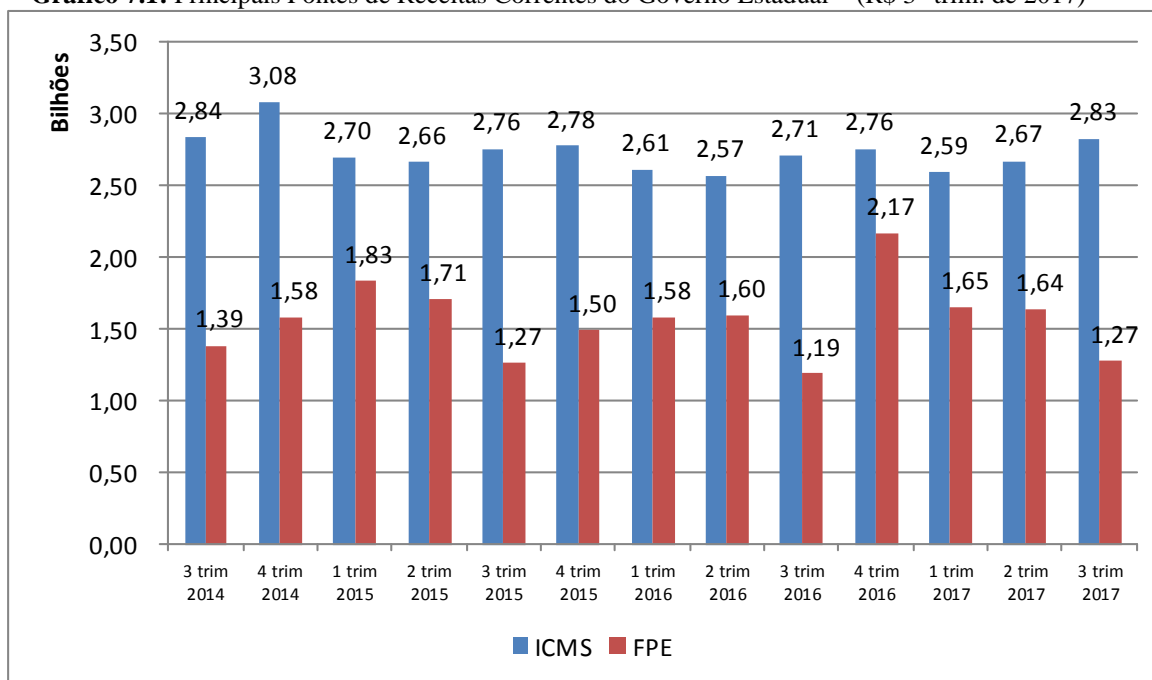
Já no acumulado do ano constata-se que os incrementos das “Transferências Correntes” e das “Receitas Tributárias” superaram a marca de 3,0%, sendo suficiente para anular o efeito negativo da redução das “Outras Receitas Correntes”, cuja queda foi de 18,8%. É interessante observar que a incerteza, mencionada nos relatórios anteriores, quanto ao comportamento das “Transferências Correntes” está cedendo lugar a um otimismo crescente, dado que a arrecadação federal tem crescido nos últimos meses.

Quanto as “Receitas de Capital” observa-se um significativo incremento de 20,3%, no terceiro trimestre de 2017, decorrente tanto de recursos provenientes de transferências de Capital da União como de operações de crédito realizadas no referido período. Entretanto, ao observar-se o acumulado do ano, constata-se uma queda de 30,7% nas receitas de capital em 2017, quando comparada com 2016.

Um último ponto a ser destacado, quanto ao comportamento das receitas, é a crescimento de 1,4% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o terceiro trimestre de 2017 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção (0,2%), crescimento da RCL em 2017. É importante observar o comportamento desse indicador, pois se considera essa receita para o cálculo dos limites de gastos com pessoal estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 7.1. Como pode ser observado as receitas de ICMS, no terceiro trimestre de 2017, atingiram o maior nível desde o 4º trimestre de 2014, sendo possível constatar que, em todos os trimestres de 2017, as receitas de ICMS estão superiores as de 2016. Esse comportamento, como mencionado anteriormente, é um possível resultado da recuperação da economia local.

Gráfico 7.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual – (R\$ 3º trim. de 2017)



Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Com relação ao FPE, o terceiro trimestre de 2017 apresentou um crescimento de 1,27%, relativamente ao terceiro trimestre de 2016. Essa recuperação das receitas do Estado, tanto das transferidas como da arrecadação própria, são indicativos da retomada econômica, nacional e estadual, respectivamente.

Do lado das despesas do Governo Estadual constata-se um incremento de 3,3% das “Despesas Correntes”, comparando-se o terceiro trimestre de 2017 com o de 2016, sendo o crescimento de 9,5% da despesa com “Pessoal e Encargos Sociais” o principal motivo para esse se deve ao fato de que as despesas com pagamento da primeira parcela do 13º, em 2017, terem sido contabilizadas em julho, enquanto, em 2016, esse pagamento foi contabilizado em junho. No acumulado do ano as “Despesas Correntes” cresceram 1,8%, quando comparadas a 2016, sendo o principal motivo desse aumento as “Despesas com Pessoal e Encargos”, com um incremento de 2,2% no período. Por outro lado, as despesas com “Juros e Encargos da Dívida”, no acumulado do ano, apresentaram uma redução de 15,1%.

Tabela 7.2: Despesas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2016 e 2017 – (R\$1.000,00 de 3º trim. 2017)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2016		2017		Var (%)	2016		2017		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	5.147.714	86,5	5.316.313	86,8	3,3	14.748.490	86,5	15.014.750	88,0	1,8
Pessoal e encargos sociais	2.616.545	44,0	2.865.443	46,8	9,5	7.798.491	45,7	7.972.871	46,7	2,2
Juros e encargos da dívida	95.785	1,6	79.407	1,3	-17,1	339.705	2,0	288.437	1,7	-15,1
Outras despesas correntes	2.435.383	40,9	2.371.464	38,7	-2,6	6.610.294	38,7	6.753.442	39,6	2,2
Despesas de capital	801.791	13,5	808.181	13,2	0,8	2.311.370	13,5	2.052.486	12,0	-11,2
Investimentos	524.370	8,8	608.850	9,9	16,1	1.477.666	8,7	1.374.451	8,1	-7,0
Amortizações	184.856	3,1	151.954	2,5	-17,8	644.575	3,8	564.695	3,3	-12,4
Inversões financeiras	92.565	1,6	47.377	0,8	-48,8	189.130	1,1	113.340	0,7	-40,1
Reserva de contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	5.949.505	100,0	6.124.494	100,0	2,9	17.059.860	100,0	17.067.236	100,0	0,0

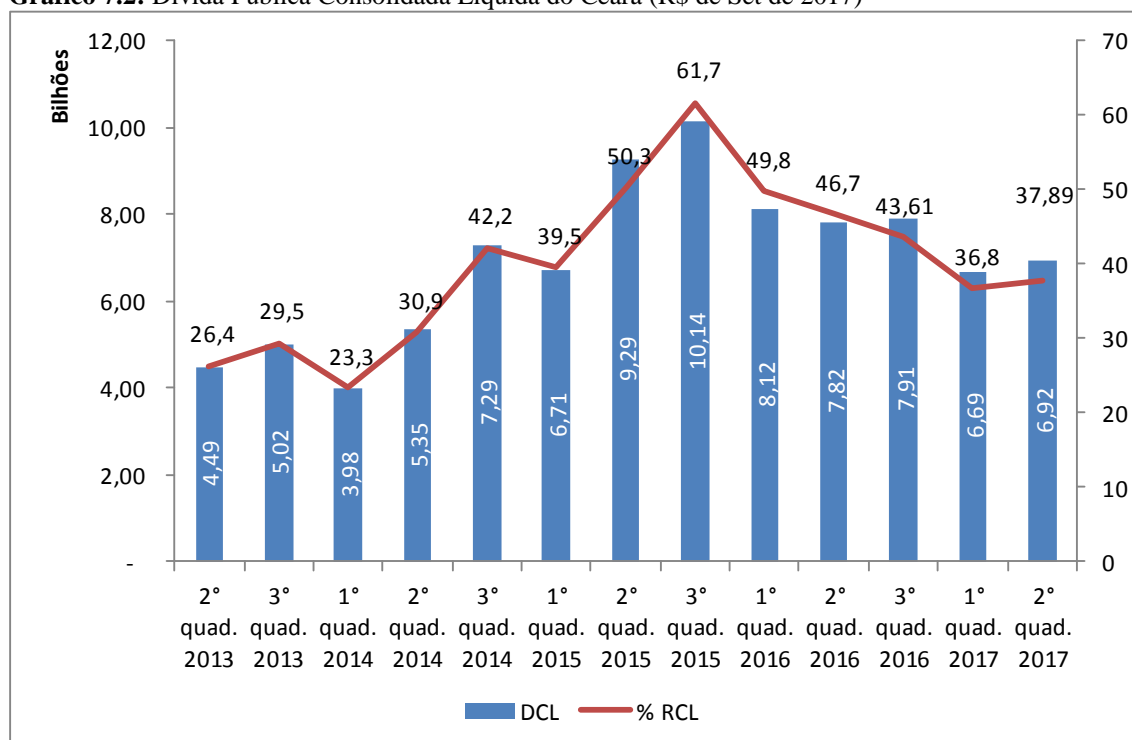
Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

Por sua vez, a categoria “Despesas de Capital”, no comparativo do terceiro trimestre de 2017 com idêntico período de 2016, apresentou um ligeiro incremento de 0,8%, causado, principalmente, pelo incremento de 16,1% dos investimentos. No acumulado do ano, as “Despesas de Capital” recuaram 11,2%, tendo sido registrado desempenho negativo em todas as contas que a compõem.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 7.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do segundo quadrimestre de 2013 ao terceiro quadrimestre de 2015, já nos quatro quadrimestres seguintes houve uma queda da dívida líquida do Estado, aproximadamente, de 3,4 bilhões de Reais, voltando a crescer no 2º quadrimestre de 2017. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 37,89% da Receita corrente líquida, no segundo quadrimestre de 2017.

Gráfico 7.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Set de 2017)



Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O FMI manteve a projeção de crescimento da economia mundial para o ano de 2017 praticamente idêntica em relação à estimativa do relatório anterior, saindo de 3,5% para 3,6%, conforme a publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2017.

O Brasil, por sua vez, neste terceiro trimestre de 2017, registrou um crescimento de 1,4% em relação ao terceiro trimestre de 2016. No acumulado do ano, em comparação com o mesmo período do ano anterior, a economia brasileira registrou um crescimento de 0,6%.

Já a economia cearense apresentou crescimento de 2,79% no terceiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, sendo o segundo crescimento positivo após oito trimestres consecutivos de resultados negativos nessa análise de comparação.

Em que pese ser o terceiro trimestre caracterizado pela ocorrência de poucas chuvas em todo o estado, as expectativas para 2017 do setor agropecuário indicam crescimento, quando comparado ao ano de 2016. De fato, a produção de grãos e oleaginosas no Ceará obteve um crescimento de 194,2% em relação a safra de 2016, com destaque para as culturas do milho, crescimento de 237,9%, e do feijão, de 148,6%. Ressalte-se que as culturas do milho e feijão juntas respondem por 95,6% da produção total de grãos do estado do Ceará.

Por sua vez, a produção de frutas também indica crescimento para a maioria das culturas, principalmente aquelas associadas ao plantio de sequeiro, a destacar castanha de caju (74,8%), abacaxi (70,6%), laranja (22%) e goiaba (14,2%). Quanto a pecuária, estima-se um crescimento de 9,1% na produção de leite para 2017.

Na indústria cearense, os resultados do terceiro trimestre do ano reforçam a ideia de um novo momento. Após um período intenso, a produção voltou a se expandir. Neste contexto, é importante analisar se a retomada que se inicia será consistente e contínua ou será lenta e oscilante.

Os números do terceiro trimestre são positivos, mas ainda recomendam cautela quanto ao futuro e a força desse movimento de recuperação. Apesar dos piores momentos terem ficado para trás, há algumas incertezas que dificultam uma leitura mais cristalina do que vem a frente.

O desempenho do terceiro trimestre está apoiado na retomada de atividades tradicionais e em um ambiente econômico mais favorável, com destaque para o controle inflacionário, a retomada do poder de compra das famílias e a redução dos juros básicos. Os números também retratam uma perspectiva mais positiva para o final do ano o que estimula as encomendas para indústria, comuns no terceiro quarto de cada ano. Além dos pontos acima, destaque para uma base de comparação deprimida que tende a inflar os resultados.

Para a sustentabilidade do processo cearense, é preciso que os fatores favoráveis sejam preservados no futuro, como a melhora do ambiente econômico e a manutenção de expectativas positivas por parte dos agentes. Entretanto, existem incertezas ligadas ao ambiente político que podem tornar o cenário nebuloso e provocar um retrocesso nos ganhos alcançados. A dificuldade de aprovação das reformas essenciais para a melhora do quadro fiscal do país, como a da previdência, aliada às dúvidas quanto à sucessão presidencial alimentam uma cautela ainda necessária.

Nos serviços, o terceiro trimestre de 2017 revela que a retração de 6,7% no setor não foi disseminada entre os seus quatro principais segmentos. De fato, o segmento Serviços Prestados as Famílias apresentou a segunda alta consecutiva ao registrar 11,6% de crescimento no terceiro trimestre de 2016 e 3,9% no terceiro trimestre de 2017. Como é um segmento que é composto pelos Serviços de Alojamento e Alimentação seu desempenho positivo tem refletido o choque favorável da safra agrícola ao longo de 2017. Adicionalmente, o Índice de Atividades Turísticas (IATUR) também revela recuperação do setor neste trimestre ao registrar crescimento de 1,4% no estado.

No que tange ao comércio varejista, neste terceiro trimestre de 2017 o varejo comum cearense registrou variação positiva de 0,8%, recuperação esta nas vendas após a baixa registrada no segundo trimestre de 2017. Todavia, o desempenho local ficou bem abaixo da média nacional, que foi de 4,3%. Nota-se que o varejo comum nacional já havia apresentado alta desde o segundo trimestre revelando um melhor desempenho no ano. Por sua vez, o varejo ampliado cearense registrou forte recuperação no terceiro trimestre quando passou a registrar alta de 5,4%, embora ainda inferior ao registrado pelo varejo nacional, que foi de 7,5%. Cabe também observar que esse crescimento das vendas do varejo comum e ampliado no terceiro trimestre 2017 não era observado para o referido período desde os últimos dois anos.

As maiores altas foram observadas nas atividades de Material de construção (+16,5%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+15,2%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+12,0%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+5,9%) e Veículos, motocicletas, partes e peças (+4,5%).

Com relação ao mercado de trabalho, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil atingiram a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, seguindo uma tendência declinante nos dois trimestres subsequentes, principalmente no estado. Neste terceiro trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11,8%, um recuo de 2,5 p.p. com relação à máxima de 14,3% do início do ano. No Brasil, a Taxa de Desemprego encontra-se em 12,4%.

Dados do CAGED, por sua vez, revelam que o país registrou criação de vagas a partir do 2º trimestre de 2017, enquanto o Ceará apenas no 3º trimestre de 2017, revelando uma certa defasagem na recuperação dos empregos e confirmando o bom momento vivido pelo mercado de trabalho nos três meses que formam esse último período.

O Brasil conseguiu reverter o sinal negativo observado nos últimos dois anos, passando a gerar 208.874 vagas no acumulado até setembro de 2017. Enquanto isso, o Ceará que registrou aumento da destruição de postos de trabalho em 2016, passou a fechar um número significativamente menor em 2017 (-3.924 vagas). Os estados que mais criaram empregos no referido trimestre foram: São Paulo (+45.141 vagas); Pernambuco (+19.406 vagas); Santa Catarina (+14.655 vagas); Mato Grosso (+11.357 vagas) e Ceará (+10.037 vagas).

As exportações do Ceará, na comparação com o terceiro trimestre de 2016, registraram crescimento de 41,3%. As importações, por sua vez, registraram queda de 24,7% em comparação ao mesmo período de 2016. Não obstante, o saldo da balança comercial cearense foi deficitário em US\$ 135 milhões no terceiro trimestre de 2017, embora menor ao comparado ao mesmo período de 2016 (US\$ -490,4 milhões).

Neste terceiro trimestre de 2017, os *produtos metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 247,2 milhões desse setor, valor que corresponde a 49,2% do total exportado pelo estado. Em comparação com o terceiro trimestre de 2016, houve um aumento de 487,4% na venda do setor. O setor de *Calçados* ocupa o segundo lugar, com valor de exportado de US\$ 69,9 milhões, participando com 13,9% do total exportado no período.

O grupo de combustíveis minerais lidera o *ranking* das importações do estado, com valor de US\$ 255,9 milhões, consistindo em 40,2% do total das importações nesse período, e apresentando alta de 139,1% em relação ao mesmo período de 2016. Os principais produtos importados desse grupo foram *Hulha betuminosa, não aglomerada e Gás natural liquefeito*.

Cereais ocupam o terceiro lugar, com valor de US\$ 60,6 milhões (9,53%), aumentando em 8,36% suas importações em relação ao mesmo período de 2016.

Finalmente, com relação às Finanças Públicas, constata-se que o crescimento das “Transferências Correntes” e das “Receitas Tributárias” superaram a marca de 3,0% no acumulado do ano, sendo suficiente para anular o efeito negativo da redução das “Outras Receitas Correntes”, cuja queda foi de 18,8%. É interessante observar que a incerteza, mencionada nos relatórios anteriores, quanto ao comportamento das “Transferências Correntes” está cedendo lugar a um otimismo crescente, dado que a arrecadação federal tem crescido nos últimos meses.

Um ponto a ser destacado quanto ao comportamento das receitas foi o crescimento de 1,4% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o terceiro trimestre de 2017 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção (0,2%), crescimento da RCL em 2017. É importante observar o comportamento desse indicador, pois se considera essa receita para o cálculo dos limites de gastos com pessoal estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Ressalte-se, também, que as receitas de ICMS, no terceiro trimestre de 2017, atingiram o maior nível desde o 4º trimestre de 2014.